REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE INDISCIPLINA ESCOLAR NO ENSINO MÉDIO

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

Rosemberg Cavalcanti Belém

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE INDISCIPLINA ESCOLAR NO ENSINO MÉDIO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof. Drª Maria de Fátima de Souza Santos

Recife
2008

Belém, Rosemberg Cavalcanti
Representações sociais sobre indisciplina escolar no ensino médio / Rosemberg Cavalcanti Belém. -- O Autor, 2008.
103 folhas., fig.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Psicologia. Recife, 2008

Inclui : bibliografia e anexos.

1. Psicologia. 2. Indisciplina escolar., 3. Interação social. 4. Representação social. 5. Professor – Ensino médio. 6. Aluno – Ensino médio. I. Título.

159.9 CDU (2. ed.) UFPE
150 BCFCH2008/16
CDD (22. ed.)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE INDISCIPLINA ESCOLAR NO ENSINO MÉDIO

Comissão Examinadora

Prof[a] Dr[a] Maria de Fátima de Souza Santos
1° Examinador

Prof[a] Dr[a] Zeidi de Araújo Trindade
2° Examinador

Prof[a] Dr[a] Fátima Maria Leite Cruz
3° Examinador

Recife, 20 de fevereiro de 2008

DEDICATÓRIA

A todos os professores que carregam consigo o amor pela educação e sabem que um momento de aprendizagem é um momento único.

A todos os alunos que transformam informação em conhecimento e conhecimento em vida.

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus, sentido do meu existir.

Por estar comigo em todos os momentos, por deixar meu coração em paz, até quando o tempo parece ter acabado, por ser meu amigo, meu pai, meu Senhor.

À minha mãe

Que trabalhou muito para que eu pudesse estudar e hoje estar aqui.

Aos meus amigos e minha noiva

Que sempre acreditaram em mim, me amaram e me ajudaram a ser uma pessoa melhor.

À professora Elisabete Maranhão de Miranda (Bete)

Que com sua paciência, humanismo, fé, ética e construtivismo, me ensinou a ser um estudante, um aprendiz, um psicólogo. Muito mais que uma professora, um exemplo.

À minha orientadora professora Maria de Fátima de Souza Santos

Que construiu comigo este trabalho e me ajudou a mergulhar no desafio da construção do conhecimento científico com ética e respeito pela pessoa humana.

À professora Isabel Pedrosa (Bel)

Exemplo de professora, justiça e ética. Com todo seu conhecimento em Psicologia me desafiou a pensar e me ensinou mais que ciência.

Sou muito feliz pelo o que sou. E o que sou, devo a vocês.

Muito obrigado.

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA
AGRADECIMENTOS
RESUMO
ABSTRACT
1. INTRODUÇÃO 08
    1.1 Objetivo Geral 10
    1.2 Objetivos Específicos 10
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA 12
    2.1 Se a carapuça lhe serve..... 12
    2.2 O Lugar da indisciplina..... 15
    2.3 Tempos Modernos 18
    2.4 Onde está a questão? 19
    2.5 Significando - A teoria das representações sociais 20
3. METODOLOGIA 25
    3.1 Participantes 25
    3.2 Materiais 25
    3.3 Procedimentos 26
4. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS..... 29
    4.1 Associação livre e justificativas 29
    4.2 Entrevistas 75
5. CONCLUSÃO 94
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 102

ANEXOS
    1) Questionário de associação livre
    2) Entrevista semi-estruturada
    3) Carta de anuência
    4) Consentimento informado para os professores
    5) Consentimento informado para os alunos

RESUMO

O presente trabalho teve como principal objetivo compreender as representações sociais de alunos e professores do ensino médio sobre indisciplina escolar. Além de analisar as causas e as conseqüências atribuídas pelos diferentes sujeitos à indisciplina, buscou-se compreender em que se ancoram as representações dos grupos investigados, como são objetivadas essas representações e quais as práticas que os sujeitos desenvolvem para lidar com a indisciplina. Na tentativa de compreender as teorias de senso comum de cada um desses grupos de sujeitos, foi usada a teoria das representações sociais, e algumas das possibilidades metodológicas que ela permite. Nesta perspectiva teórica, as representações sociais são teorias construídas e compartilhadas coletivamente que dão sentido a determinados objetos, orientam o comportamento e a relação social das pessoas, além de justificar as práticas relativas a esses objetos. Participaram da pesquisa 251 alunos e 30 professores de duas escolas públicas e duas particulares da cidade do Recife. Todos os sujeitos responderam a um questionário de associação livre e quatro deles foram entrevistados, sendo duas professoras e dois alunos. Os dados foram analisados com o apoio dos softwares EVOC e ALCESTE. A representação social construída pelo grupo configura a indisciplina, prioritariamente, como a demonstração de comportamentos indesejados de alunos, em sua maioria, motivados por características pessoais (desinteresse, idade, má educação). A falta de ou a má educação é apontada como a principal causa. Desta forma, a indisciplina é objetivada em comportamentos como a desatenção, conversas, bagunças e também, na figura do adolescente. Essa representação parece estar ancorada numa idéia de certo controle social, no qual a disciplina tem um papel importante para o desenvolvimento social, ou seja, a sociedade precisa ter regras, e essas regras precisam ser obedecidas para que se tenha ordem e progresso. Essa idéia reflete-se na escola e se concretiza através do controle que a disciplina proporciona. Assim, é possível manter a sala em ordem e ter um melhor aproveitamento escolar quando os alunos se comportam de forma mais adequada. A partir dessa representação, práticas punitivas são privilegiadas no estabelecimento da disciplina. Alguns sujeitos, em proporção menor, visualizaram a indisciplina como uma forma de responder a uma postura inadequada do professor. Nessa perspectiva, práticas mais relacionadas a uma relação de amizade entre professor e aluno foram consideradas.

Palavras chaves: 1. Indisciplina 2. Representação Social 3. Interação social 4. Professor 5. Aluno

ABSTRACT

This research aimed at understanding the social representations of school indiscipline as conceived by high school students and teachers. The analysis focused on the causes and consequences that the subjects attributed to indiscipline and we also tried to understand the points of anchorage of these social representations, how they are objectivated and which practices are undertaken in order to handle indiscipline. The approach of the Social Representations theory was adopted and some of its methodological possibilities were explored, which was appropriate face the task of understanding the popular theories from each group interviewed. In this theoretical perspective, social representations are theories created and shared collectively that signify social objects, serve as a guide to social actions and relations as well as justify practices directed at these objects. 251 students and 30 teachers from two public schools and two private ones in the city of Recife took part in this study. They answered a free association questionnaire and four of the participants -two students and two female teachers – were interviewed. The EVOC and ALCEST softwares were used on the analysis. The social representation of the group configures indiscipline, primary, as the expression of innapropriate behavior from students, which is supposed to be motivated by personal characteristics (age, lack of attention, poor education). The lack of or poor education is pointed out as the main reason for indiscipline. Hence, the indiscipline is objectivated into actions such as lack of attention, talking, messing around, as well as into the adolescent image. This representation seems to be anchored on the idea of social control, in which discipline has an important role for achieving social development. In other words, every society needs rules and they must be observed in order to achieve order and progress. This conception has effects on the school routine and becomes reality throught control practices that are connected with the idea of discipline. Therefore, it is possible to keep the class quiet and reach better results at school when students behave properly. This representation gives privilege to punitive practices of discipline. A few number of subjects conceived indiscipline as a way to respond to a teacher´s innapropriate behavior. In this perspective, practices concerning a friendly relationship between students and teacher were considered.

Key-words: 1. Indiscipline. 2. Social Representation 3. Social interaction 4. Teacher 5. Student

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é uma investigação das representações sociais, de diferentes atores que compõem o cenário escolar, sobre indisciplina. A pesquisa ocorreu em duas escolas públicas e duas particulares da cidade do Recife. Foi investigado o ensino médio devido a minha experiência profissional nesse ambiente, percebendo assim as dificuldades enfrentadas e a possibilidade de cooperar com a sua diminuição. Além desse aspecto, há um número de queixas maior neste nível de ensino, com relação à indisciplina. Inicialmente, a pesquisa seria realizada apenas na rede particular de ensino, visto que foi com essa população que surgiram as questões norteadoras do trabalho. Entretanto, cursei toda minha educação básica na rede pública, e o que se convencionou chamar de indisciplina também esteve presente nas salas de aulas pelas quais passei. Portanto percebo neste trabalho uma possibilidade de contribuir com o entendimento do fenômeno nas duas redes de ensino.

Antes de relatar como se deu a circunscrição do tema e como surgiram em mim as indagações que guiam a presente proposta de investigação, faz-se necessário um pequeno parêntese.

Partindo do pressuposto da inexistência da dicotomia sujeito-objeto dentro das pesquisas nas ciências humanas[1] e ainda, considerando a intencionalidade do pesquisador em todo processo de pesquisa, desde a delimitação do tema, passando pela escolha da teoria e metodologia de investigação, até a análise dos dados, peço permissão ao leitor para escrever em determinados momentos do texto na primeira pessoa.

Meu primeiro contato como psicólogo numa escola não foi propriamente como profissional. Inicialmente fiz um estágio no ensino fundamental de 5ª a 8ª série numa escola particular do Recife. Após essa experiência fui convidado pela mesma instituição, para trabalhar, agora sim, como profissional de psicologia, no ensino médio.

Durante toda estadia na escola diversos fenômenos aparentemente distintos geravam diferentes conflitos nas relações professor-aluno, professor-escola, aluno-escola, o que levava a um desgaste do processo de ensino aprendizagem. Professores indicavam alunos inquietos, que conversavam, atrapalhando a aula, sem atender aos diversos pedidos de silêncio e, muitas

[1] Não cabe neste texto a discussão se essa dicotomia inexiste independente do campo científico.

vezes, a forma de manter um espaço minimamente em "ordem" para se aprender, era tirando da sala de aula aquele aluno que, aparentemente, não estava interessado no que se passava naquele ambiente. Havia ainda, alunos que chegavam atrasados no colégio, e outros que demoravam a voltar dos intervalos. "Alunos sem limites" ou "alunos problemas" pareciam, aos professores, os melhores adjetivos para classificar determinados adolescentes.

Problemas considerados mais sérios como o uso de drogas ilícitas, agressão física entre alunos, xingamentos, entrar armado no colégio, também viam aumentar a quantidade de dificuldades enfrentadas pela escola.

Os alunos, por sua vez, reclamavam dos atrasos e faltas de professores, a dificuldade de estudar numa sala lotada, com 60, 70 alunos, posicionavam-se de forma negativa diante de alguns aspectos da estrutura física da escola, e algumas vezes não entendiam porque eram obrigados a participar de aulas, que na opinião deles eram "chatas".

Diante desses fenômenos, vários questionamentos me sobrevieram, alguns deles em especial eu gostaria de compartilhar com o leitor, já que foram estes que originaram a presente proposta de investigação: *Por que os tão variados fenômenos descritos pelos professores e coordenadores eram, basicamente, todos classificados como* ***indisciplina escolar****, enquanto os pontos levantados pelos alunos não recebiam geralmente a mesma denominação? A que se está chamando de indisciplina? Será que este termo é usado pelos atores escolares, inclusive pelos próprios alunos, apenas para classificar comportamentos dos discentes e não dos docentes e da escola como um todo? E, como um fenômeno, em si, relacional, pode ser visto como puramente individual?*

Diante dessa problemática, os livros ajudaram a refletir sobre o fenômeno da indisciplina escolar[2] e analisar diferentes concepções teóricas referentes ao tema (é importante deixar claro, que não estou me referindo apenas à indisciplina discente, mas a indisciplina escolar como um todo). Alguns autores concordam que há uma necessidade de refletir melhor sobre o tema da indisciplina, buscando ações que toquem o cerne da questão.

Di Santo, em sua monografia: "Infância, Psicanálise e Educação" (2000), explica que as ações tomadas hoje pela maioria das escolas, com relação à indisciplina, não atingem realmente a questão, servindo apenas, como apaziguadoras dos momentos indisciplinados. Para ela a indisciplina escolar é hoje um dos maiores complicadores do processo educativo, em todos os níveis de ensino.

---

[2] Na fundamentação teórica os assuntos tratados nos livros serão explanados.

Aquino (1996) afirma que o conceito de indisciplina é "superficialmente debatido", com análises que expressam um discurso dogmático, carregado de opiniões de senso comum, muitas vezes sem nenhuma base empírica. Pouco se encontra na literatura sobre a natureza e características da indisciplina, abordando as possíveis causas e o papel da escola e da família na produção da mesma.

Contudo minhas questões não haviam sido respondidas e, ao conversar com alunos, professores, coordenadores e diretores, tinha muitas vezes a nítida impressão de falar de fenômenos tão distintos, todos sob a denominação de indisciplina. Passei a ficar receoso em usar esse termo, pois poderia estar querendo dizer algo e ser entendido de forma bastante diferente, ou até contrária ao que se pretendia. Dentro desse contexto, vi a possibilidade de me envolver mais com o tema e contribuir com a compreensão do fenômeno em questão.

Esse impasse me fez voltar à teoria das representações sociais estudada na graduação do curso de psicologia, já que essa teoria visa compreender e explicar as construções teóricas do senso comum. Essas construções leigas, ou seja, as representações sociais, têm a função de dar sentido e explicar o fenômeno, justificar práticas, orientar o comportamento e as relações sociais, além de possibilitar a identidade de determinados grupos (SANTOS, 2005).

Vi-me diante duma ferramenta, que me possibilitaria, de alguma forma, responder às minhas indagações. A partir daí resolvi voltar à universidade e, através do curso de mestrado em Psicologia, investigar possibilidades de encarar essas questões.

A partir da teoria das representações sociais como guia teórico-metodológico, a presente investigação pretende:

1.1 Objetivo Geral:

Compreender como alunos e professores representam a indisciplina escolar. Além de:

1.2 Objetivos Específicos:

- Analisar as causas atribuídas pelos diferentes sujeitos à indisciplina escolar.
- Investigar que tipos de conseqüências são atribuídas à indisciplina escolar.
- Investigar quais práticas os sujeitos desenvolvem para lidar com a indisciplina.
- Compreender em que se ancora a representação do grupo investigado e como são objetivadas essas representações.

Tomando por base os autores acima citados se faz necessário uma investigação mais aprofundada sobre indisciplina escolar, desvelando os significados atribuídos ao termo, tornando possível identificar discursos cristalizados no ambiente escolar do tipo: “esse é um aluno problema”, ou ainda, “o problema dele é familiar”, entre outros. Esta investigação possibilitará ao profissional de Psicologia abrir espaços para que esses conceitos e discursos possam ser revisitados e repensados e, quem sabe, reconstruídos.

Faz-se necessário, portanto, uma explanação sobre a concepção de indisciplina que guiará o trabalho, além de enfatizar a importância da teoria das representações sociais como guia teórico-metodológico desta investigação.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Algumas pesquisas em Psicologia se guiam por paradigmas que costumam analisar os fenômenos como puramente individuais. Se pensarmos na tomada de decisão, por exemplo, ou ainda na percepção visual, algumas abordagens teóricas vão defender o ponto de vista de que estes fenômenos têm início e fim no próprio sujeito, não sendo perpassados por aspectos sociais. Pensar em indisciplina escolar por esse ângulo, enrijeceria a compreensão do fenômeno, atrelando a ela um responsável, o aluno ou o professor, como sendo aquele que causa a indisciplina. Portanto, parto do pressuposto que a indisciplina escolar é um fenômeno interacional, perpassado por aspectos culturais e históricos.

Contudo, a forma mais difundida no senso comum de entender a indisciplina compreende muitas vezes: revolta, descumprimento das normas estabelecidas, sendo de responsabilidade de **um** sujeito, na maioria das vezes o adolescente. É importante deixar claro que não se afirma aqui que toda indisciplina é atribuída ao aluno, muitas vezes, o professor é responsabilizado, assim como a direção da escola, mas poucas vezes, o campo interativo[3] é analisado como causa de comportamentos indisciplinados.

Entendendo a indisciplina como revolta, ou um desnecessário descumprimento a uma determinada norma, ou ainda, como falta de limites de um sujeito, recai muitas vezes sobre o adolescente o título de indisciplinado, pois as representações acerca dos adolescentes compreendem esses aspectos, como veremos a seguir.

2.1 Se a carapuça lhe serve...

Ozella (2003), através de uma pesquisa com psicólogos, mostrou que a maioria dos profissionais entrevistados compreende a adolescência como uma etapa da vida que faz parte da natureza humana, ou seja, possui uma visão naturalista e universal sobre essa "etapa" e a caracteriza como conturbada, problemática, indefinida, difícil, entre outros. Para um dos entrevistados de Ozella – "Não existe diferença entre características dos adolescentes ontem,

[3] "... desde o início da vida, as relações são construídas a partir das 'inter-ações', isto é, de ações partilhadas e interdependentes. Essas ações se estabelecem por meio de processos dialógicos, nos quais cada pessoa tem seu fluxo de comportamentos continuamente delimitado, recortado e interpretado pelo(s) outro(s) e por si próprio." (ROSSETTI-FERREIRA, AMORIM, SILVA E CARVALHO, 2004, p. 24-25)

hoje e amanhã. É uma fase complicada... isto é próprio, faz parte do desenvolvimento do indivíduo." (profissionais da área de Educação; citado por OZELLA, 2003).

As idéias de uma adolescência natural não são representações isoladas de determinadas categorias profissionais, mas foi um construto científico de um paradigma puramente psicobiológico que visa explicar o desenvolvimento humano, como destaca Birman (2006).

> *... cada período seria concebido numa perspectiva estritamente biológica, que conferiria os parâmetros objetivos para a fundamentação científica do modelo em questão. A leitura psíquica ficaria atrelada ao biologismo de base, de forma que as características psíquicas de cada um dos períodos em causa seriam a simples derivação da fundamentação biológica.* (BIRMAN, 2006, p. 27-28)

O autor discute a importância de resgatar os fatores sociais e institucionais para uma compreensão mais abrangente da adolescência enquanto um fenômeno historicamente situado.

Calligares (2000) também aponta para a adolescência como uma criação, "um pouco monstruosa", do início do século XX. Segundo o autor a adolescência é a forma pela qual as pessoas contemplam o adolescente, assim como a forma pela qual o próprio adolescente se contempla.

> *Ela (a adolescência) é uma das formações culturais mais poderosas da nossa época. Objeto de inveja e de medo, ela dá forma aos sonhos de liberdade ou de evasão dos adultos e, ao mesmo tempo, aos seus pesadelos de violência e desordem... ela é um poderoso argumento de marketing e, ao mesmo tempo, uma fonte de desconfiança e repressão preventiva* (CALLIGARES, 2000, p. 9).

Na compreensão do autor, os adolescentes já estariam prontos para lutar pelos principais objetos de desejo de nossa sociedade – as relações amoroso-sexuais e a realização no campo social – pois eles já foram apresentados aos valores e costumes da comunidade a qual pertencem, além de já possuírem os corpos prontos para lutarem por esses ideais. Contudo eles não são reconhecidos ainda como adultos e aprendem que precisam ficar sob a tutela dos mais velhos durante, aproximadamente, dez anos. É a esse tempo de "moratória"

entre a maturidade biológica e a permissão para entrar no mundo dos adultos, que Calligares chama de adolescência.

Podemos dizer que essa é uma possível definição para o termo, porém não a única, nem a mais adequada para qualquer contexto social, pois em determinados ambientes, como os adolescentes de rua, por exemplo, esse conceito pode não abranger a grandeza do fenômeno. Muitos desses adolescentes, possivelmente, não são impedidos de entrar no mundo amoroso/sexual, nem tão pouco impedidos de trabalhar, a fim de garantirem seu sustento e independência.

Por esse motivo alguns autores falam em "adolescências brasileiras", na tentativa de abarcar as diferentes possibilidades de ser adolescente em diferentes contextos sociais. (CASTRO & CORREIA, 2005)

Resgatando as concepções sobre adolescência compartilhadas pelos psicólogos entrevistados por Ozella (2003), destacam-se idéias que caracteriza a adolescência como: conturbada, problemática, indefinida, difícil... Provavelmente estas concepções não são exclusivas de determinados psicólogos, pois, como dito anteriormente, as teorias científicas propagam essas idéias. Portanto, pode-se supor que a visão de adolescência acima citada está presente em outras categorias profissionais e instituições sociais, entre elas a escola.

Você já pode ter se deparado com frases do tipo: "esses meninos não têm limites", ou "na minha época, a gente não era assim, aí de nós se não respeitássemos nossos professores, os meninos de hoje não respeitam nem os pais" [4]. Não estou levantando a bandeira de que não exista desrespeito, a questão é atribuir a um outro o papel de responsável por algo que surge em relação, ou em inter-ação.

Esse papel é geralmente atribuído ao adolescente, que se torna, na maioria das vezes, aquele que é apontado como o protagonista dos episódios indisciplinados na escola. É nesse grupo que são *objetivadas*[5] as representações de indisciplina, não se levando em consideração que "representar implica sempre um sujeito e um objeto, intrinsecamente ligados". As representações sociais dirigem comportamentos e servem como guia para a comunicação entre os atores sociais, no caso, os atores escolares. (SANTOS, 2005, p. 25).

Pergunto-me por que as representações de adolescência e indisciplina escolar caminham de forma convergente? Será que existe algum tipo de interesse nisso?

---

[4] Essas frases foram construídas hipoteticamente em cima da minha experiência profissional em escola.

[5] Objetivação é um conceito da Psicologia Social, no qual se concretiza em algo ou alguém uma determinada representação, a fim de torná-la mais próxima da realidade do sujeito.

Quando se enxerga a indisciplina como rebeldia e o adolescente como rebelde, tem-se um casamento perfeito. Todavia é importante lembrar que, dentro de uma visão sócio-histórica do homem, a adolescência é uma categoria historicamente construída em determinadas culturas, num momento circunscrito e bem recente na história da civilização ocidental (BARROS, 2003). Já o que se convencionou chamar de indisciplina...

O povo hebreu (antepassado do povo judeu) considerava adulto o indivíduo que completasse 12 anos, o qual já tinha uma noiva prometida e começaria uma ocupação profissional dependendo da linhagem de sua família.

Segundo Palácios (1995), na Grécia antiga as crianças não estudavam, a não ser uma pequena parcela da população. Não existia uma fase distinta do desenvolvimento, que possa ser equiparada à que hoje é conhecida por adolescência.

Essa situação é transformada com a Revolução Industrial. As crianças da classe média passaram a ficar mais tempo nas escolas, para a capacitação exigida pela industrialização. Algum tempo depois os filhos de operários seguiram o mesmo estilo de vida.

Passa-se então a atrasar a passagem da infância à "adultez", constituindo-se uma nova fase com características bem peculiares, que se caracterizou sob a imagem do que hoje é denominada adolescência. Contudo, em algumas culturas, incorpora-se precocemente a criança à condição de adulto, sem a passagem por uma fase específica. (PALÁCIOS, 1995).

O termo adolescente não deve ser entendido como algo em si, uma forma de ser que independe do contexto sócio-histórico-cutural. E ainda que, mesmo em um único contexto (se é que isso é possível), cada adolescente é um adolescente, e mesmo sendo exemplares de uma mesma espécie, não possuem por natureza a característica de ser indisciplinado, sem limites e outros adjetivos que costumam ser associados aos adolescentes.

Além de perceber a adolescência como uma criação cultural, a indisciplina será tratada aqui, como um fenômeno que não existe por si só, ocasionada por um ou outro sujeito, fora de um contexto. Pretende-se evidenciar a interação social, e como a configuração desta, pode ocasionar comportamentos ditos indisciplinados.

2.2 O lugar da indisciplina.

Iniciarei a discussão deste tópico tirando o "canhão de luz" do adolescente e, aumentando o foco, tentaremos olhar de forma mais abrangente para a escola e perceber nesta um ambiente relacional, onde ocorrem momentos de indisciplina. É importante deixar claro

que a escola se estrutura dentro da sociedade e, evidentemente, num contexto histórico específico. Portanto, neste trabalho a escola não será vista como uma ilha isolada do continente, sem receber influência e influenciando o meio sócio-histórico exterior a ela.

A escola do início do séc. XX até pouco tempo atrás, caracterizava-se por um modelo militarista. Alguns trechos de um texto de 1922 intitulado: *Recomendações Disciplinares* refletem bem esta visão:

"Não há creanças refractarias á disciplina, mas somente alumnos ainda não disciplinados. A disciplina é factor essencial do aproveitamento dos alumnos e indispensavel ao homem civilisado. Mantêm a disciplina, mais do que o rigor, a força moral do mestre e o seu cuidado em trazer constantemente as creanças interessadas em algum assumpto útil.

... (os alunos) deverão andar sem arrastar os pés, convindo que o façam em terça, evitando assim o balançar dos braços e movimentos desordenados do corpo.

Em classe a disciplina deverá ser severa:

- *os alumnos manterão entre si silencio absoluto; ...*
- *não poderá estar de pé mais de um alumno; ...*

No recreio a disciplina é ainda necessária para que elle se torne agradável aos alumnos bem comportados:

- *serão retirados do recreio ou soffrerão a pena necessária os alumnos que gritarem, fizerem correrias, damnificarem as plantas... etc.*

Ao findarem o trabalho do dia, cada classe seguirá em forma e em silencio até a escada da entrada, e só descida esta, se dispersarão os alumnos. (BRAUNE apud MORAES, 1922, pp.9-10. In Aquino, 1996).

Como visto, as normas disciplinares eram, em sua grande maioria, ligadas ao controle do corpo. Foucault (1997), ao escrever sobre a história dos presídios, reserva uma parte do seu livro para tratar do tema disciplina, e como esta era usada nos quartéis, escolas e nos presídios. Essas instituições surgem num momento de grande crescimento demográfico com o objetivo de produzir a sujeição, o controle e classificação das populações em crescimento, segundo os interesses das elites dominantes.

> *O funcionamento de tais instituições requer uma nova forma de poder - o poder disciplinar - cujo exercício produz e exige novas formas de saberes. É*

> *dessa maneira que emergem novos saberes na Medicina, no Direito, na Pedagogia etc.* (ALMEIDA, 2005, pp.167)

Foucault (1997) destaca que os métodos disciplinares visavam a um controle corporal e possuíam duas funções básicas: aumentar as forças do corpo, visando à produção, ou alguma utilidade econômica; ou por outro lado, a diminuição dessas forças, com o objetivo de atingir corpos submissos, obedientes.

Pela ótica foucaultiana a disciplina teria uma utilidade política tanto quanto a escravidão, porém de uma forma mais elegante, pois descarta a pertença do outro. Através da disciplina é possível controlar o que o outro pode ou não fazer, perceber qualquer movimento fora do esperado. O autor esclarece técnicas e recursos que eram utilizados para "um bom adestramento". Vejamos algumas que estão mais relacionadas a aspectos escolares.

- "A arte das distribuições" - um procedimento disciplinar comum era a distribuição espacial dos indivíduos em um determinado local. As salas organizadas em fila e carteiras marcadas são um bom exemplo desta técnica nas escolas.
- "A vigilância hierárquica" - o que há tempos atrás poderia ser percebido na figura do censor, que através do olhar coibiria comportamentos indesejados, hoje se verifica nas câmaras de vídeos espalhadas por todos os lugares. É a repressão pelo olhar.
- A sanção normalizadora - ato de punir as infrações cometidas pelo sujeito, a fim de extinguir determinado comportamento.

Neste ambiente, a relação professor-aluno se dava entre um superior hierárquico, responsável pelo cumprimento da lei, e um subordinado obediente. Portanto, uma relação caracterizada pelo medo, coação e subserviência (AQUINO 1996). Será que temos assim um quadro de disciplina, onde um dita a lei e o outro obedece calado?

Essa relação antidemocrática provocou muitas revoltas. É só lembrar dos movimentos estudantis[6] de décadas atrás, e ver na história a luta por um país, e porque não dizer, por uma escola mais justa.

> *Nas escolas, nas ruas, campos, construções. Caminhando e Cantando e seguindo a canção... Nas escolas, nas ruas, campos, construções somos*

[6] Os movimentos estudantis não são apenas reflexo de uma relação escolar autoritarista, mas de todo um sistema político repressor. No presente texto foi usado como um exemplo de que o autoritarismo não desemboca necessariamente em submissão.

> *todos soldados armados ou não. Caminhando e cantando e seguindo a canção. Somos todos iguais braços dados ou não* (GERALDO VANDRÉ)

Nessa discussão política é importante destacar um outro olhar sobre a indisciplina. Esta sendo um meio para atingir mudanças, para sair de uma relação desigual, na qual as regras valem para uns e não para outros. Aquino (1998) levanta a hipótese de que a indisciplina poderia ser um sintoma de um desejo de mudança nas relações escolares.

> *Trata-se do clamor de um novo tipo de relação civil, confrontativa na maioria das vezes, pedindo passagem a qualquer custo. Nesse sentido, a indisciplina estaria indicando também uma necessidade legítima de transformações no interior das relações escolares e, em particular, na relação professor-aluno.* (AQUINO, 1998, p. 5).

2.3 Tempos Modernos.

Todavia, os tempos são outros, o professor já não é um superior hierárquico, ou pelo menos não no mesmo nível. Medo e subserviência são características não mais exclusivas dos discentes. O quadro atual parece distinto do anteriormente citado, se configurando com outras características.

La Taille (2000) referenciado pelas proposições de Sennett (1979), aponta para o "declínio do homem público", no qual cada pessoa tem se preocupado apenas com suas características pessoais. Segundo o autor o homem contemporâneo "investe todas as suas energias em si mesmo", não se interessa pela sociedade, mas apenas pelas pessoas que fazem parte do seu convívio mais próximo. Portanto, o espaço público, assim como os papéis ligados ao público perdem seu valor. Nesse contexto a função de professor tende a cair no desprezo, cabendo a este profissional, impor-se pelas suas características pessoais. Algumas escolas particulares entraram nesses moldes, transformando-se em grandes empresas e o aluno é o cliente que tem todo direito de reclamar se não estiver gostando, só reclamar, esse é o problema. Se o professor não for um personagem interessante, ele pode sair de cena.

Se tentarmos editar o que foi dito anteriormente, de um modo hiperbólico, ficamos com o seguinte roteiro: uma empresa (escola particular), na qual o empregado (professor) precisa satisfazer o cliente (aluno), não apenas facilitando a apropriação do conhecimento, mas dando um *show* à parte. Os alunos não vêem os professores como mestres que lhe

ajudarão a conhecer os mistérios do mundo, até porque, como dito antes, isto não tem valor. O professor, por sua vez, não percebe nos alunos o objetivo de seu trabalho, não se vê como participante da formação de cidadãos, restringindo-se a fazer da aula uma apresentação, já que é isso, muitas vezes, o que lhe é cobrado pela escola e pela sociedade.

O privado toma as rédeas e alguns alunos consideram válido se guiar apenas por suas motivações íntimas. Portanto se a aula for cansativa, é lícito abandoná-la em prol do bate-papo na lanchonete da esquina, independente do conteúdo dado na aula e do esforço intelectual e didático do professor.

O quadro que se configura na relação professor-aluno é preocupante. De um lado está o professor, altamente desvalorizado por um sistema político que pouco se preocupa com a educação, trabalhando horas a fio, submetido a um baixo salário, sobretudo na rede pública. Perdeu-se imagem do mestre. *Sociedade dos poetas mortos* não existe mais, o capitão virou mais um soldado na luta pela sobrevivência.

Por outro lado ao aluno, esquecido enquanto construtor do seu saber, lhe é pedido muitas vezes que apenas reproduza uma gama enorme de estímulos, sendo esses estímulos uma enxurrada de conteúdos que ele será intimado a guardá-los (todos eles) na sua memória, a fim de reproduzi-los nas avaliações da vida, como o vestibular por exemplo.

Além de avaliações inadequadas ao processo de ensino-aprendizagem, alguns alunos ainda se submetem a salas desconfortáveis, didática inapropriada - dificultando mais que contribuindo com a construção do conhecimento.

Neste cenário a relação professor-aluno fica permeada muitas vezes, pelo descaso, desrespeito, desacordo, falta de cumplicidade. Em minha experiência profissional já me deparei com frases do tipo: “não existe nada pior que aluno” (frase dita por um professor) e ainda,“esse professor é uma besta” (frase dita por um aluno). Pode-se supor a dificuldade existente numa relação em que cada um dos envolvidos pensa no outro desta forma..

2.4 Onde está a questão?

Mais do que respostas prontas e normativas, enfatizarei meu ponto de vista baseado nas linhas anteriormente trazidas no texto.

Configurar a indisciplina como provocada pelo outro, seja um aluno que se movimente em sala de aula ou não respeite o pedido de silêncio do professor, seja um docente que chega atrasado ou atende o celular em sala, ou ainda, uma escola que não oferece uma sala de aula

adequada; não tocará no cerne da questão, que é considerar a indisciplina escolar não como algo em si, mas como produto de interação.

Neste sentido a disciplina toma outra forma, não mais como um conformismo cego às prescrições, mais um acordo internalizado por todos, em prol de uma convivência digna e respeitosa. "... A disciplina, ao invés de ser compreendida como um pré-requisito para o aproveitamento escolar, é encarada como resultado (ainda que não exclusivo) da prática educativa realizada na escola" (AQUINO, 1996). E neste sentido, todos os atores que compõem o cenário escolar precisam se sentir responsáveis pelo desacordo que possa surgir no meio da escola.

É na tentativa de compreender qual a visão de indisciplina que circula dentro do ambiente escolar, e se esta visão interacional, defendida acima, encontra-se nos discursos dentro da escola, que a teoria das representações sociais foi utilizada como suporte teórico-metodológico da pesquisa.

2.5 Significando a indisciplina- A teoria das Representações Sociais

O termo disciplina, assim como seu antagônico, é capaz de abarcar diversas conceituações, por exemplo: matéria de estudo, punição, qualidade de quem se submete às leis, regras que regem uma organização, obediência para reinar a ordem numa coletividade, entre outros. Essa polissemia do termo é na opinião de alguns autores um fator que dificulta o entendimento do fenômeno. De um modo geral, os pesquisadores concordam com a dificuldade de se tomar a indisciplina como objeto de estudo pela ambigüidade, falta de clareza e de consenso com relação ao seu significado (LA TAILLE, 2000; ESTRELA, 1992; REGO, 1996). Como conseqüência, afirmam os autores, a indisciplina é discutida com pouca base empírica.

Portanto, evidencio a importância de se conhecer os diferentes significados atribuídos à indisciplina dentro da escola, a fim de propiciar um trabalho em caminhos menos obscuros. Para tal lançarei mão da teoria das representações sociais já que esta visa compreender as teorias de senso comum como produtoras de significados e práticas.

A relevância que o tema da indisciplina possui dentro do contexto escolar, ou seja, o fato da indisciplina ser um objeto social significativo (como visto na justificativa do trabalho) e ainda, a possibilidade que o mesmo tem de assumir diferentes formas de conceituação em

diferentes contextos sociais, fazem dela um objeto que possibilita a criação de conceitos que se articulam entre si, originados pela interação, no interior de grupos sociais. Esses conceitos são considerados teorias do senso comum, que refletem a posição do sujeito no que diz respeito a um objeto do seu cotidiano. (VELOZ, SCHULZE & CAMARGO, 1999)

Santos (2005) explica que quando falamos em representações sociais, estamos nos referindo a essas teorias, ou seja, ao conhecimento compartilhado, produzido no senso comum, orientado para a comunicação e compreensão do meio social. As representações sociais têm a função de dar sentido à realidade social, organizar a comunicação e a conduta dos membros de um determinado grupo social. A teoria das Representações Sociais é um conhecimento científico que tem como objetivo estudar como o conhecimento do senso comum se constrói.

Na Psicologia social o precursor da teoria das representações sociais foi Serge Moscovici que, em 1961 publica *La psychanalyse, son image et son public*, no qual enfatiza o conhecimento do senso comum como capaz de criar efetivamente a realidade social.

Na concepção de homem desta teoria, as pessoas são sujeitos ativos que criam e são criados pela sociedade. O sujeito não é uma lousa em branco, na qual o meio determinará todas as suas características, nem por outro lado, um ser predeterminado apenas pelo aparato biológico, mas um animal, que em interação com outros de sua espécie, cria e transforma enquanto é criado e transformado, elabora formas de pensar e se comunicar que seria incapaz de fazer se vivesse sozinho.

> *A concepção de sujeito... é a de um sujeito ativo, construtor da realidade social e nela construído. Para ele (Moscovici), o sujeito não é um simples processador de informações externas ou produto de uma realidade exterior a ele. O sujeito é ativo no processo de apropriação da realidade objetiva.* (SANTOS, 2005, p.17)

É importante destacar que essa apropriação da realidade objetiva não se trata de uma reprodução, mas uma construção. “Quando contemplamos (...) pessoas e objetos, nossa predisposição genética herdada, as imagens e hábitos que nós já aprendemos, as recordações que nós preservamos e nossas categorias culturais, tudo isso se junta para fazê-las tais como as vemos” (MOSCOVICI, 2003, p. 33). Para o autor, o sujeito interpreta a realidade, a concepção do externo depende do aparato biopsicossocial de cada pessoa. “A relação com o

real... é sempre mediada por categorias históricas e subjetivamente constituídas." (SPINK, 1993)

É valido ressaltar que para Moscovici o real existe independente de ainda ter sido significado, mas a partir do momento que esse real se torna objeto do conhecimento de alguém, ele é modificado e modifica a pessoa.

> *... as representações sociais têm a capacidade de criar e de estipular uma realidade denominando, objetivando noções e imagens, dirigindo as práticas materiais e simbólicas para esta realidade que lhes corresponde.* (MOSCOVICI. 1994, p. 5)

Moscovici (2003) explica que as representações sociais se constroem através de dois processos, os quais ele denominou de objetivação e ancoragem. O primeiro trata da concretização de um conceito e sua transformação em uma imagem. Objetivar é "transformar algo abstrato em algo quase concreto, transferir o que está na mente em algo que existe no mundo físico" (p.61). Enquanto que ancoragem é a incorporação deste conceito aos esquemas mentais que o sujeito já possui. "É quase como ancorar um bote perdido em um dos boxes (pontos sinalizadores) de nosso espaço social" (p.61). Esses dois processos têm a função de tornar familiar o estranho. Para o autor, "os universos consensuais são locais onde todos querem sentir-se em casa, a salvo de qualquer risco, atrito ou conflito. Tudo o que é dito ou feito ali (...) corrobora, mais do que contradiz, a tradição" (p.54)

Santos (2005) assinala que toda representação social traz um componente atitudinal, sendo a atitude entendida como uma "tomada de posição em relação a um objeto" (p.30). A teoria das Representações Sociais busca compreender as atitudes e práticas geradas pelas representações sociais, assim como os mecanismos intrínsecos à construção desse saber popular. Nessa tentativa - de compreender a construção das teorias do senso comum, assim como as atitudes e práticas que estas engendram - há várias possibilidades metodológicas: entrevistas, com ou sem associação livre, questionários, observações, ainda é possível a análise de discurso e textos literários e históricos.

O método de associação livre pode ser usado na tentativa de compreender a estrutura da representação social, visualizar os elementos mais fundantes e aqueles mais periféricos numa representação. O primeiro a propor uma teoria sobre um núcleo central, formado por esses elementos que fundamentam as representações sociais foi Jean-Claude Abric, quando em 1976 defende sua tese de doutorado sobre o tema. Segundo o autor as representações são

formadas por elementos mais estáveis e consensuais que dão o sentido da representação e ainda, elementos menos estáveis, permeáveis ao contexto imediato.

> *Nem todos os elementos da representação têm a mesma importância. Alguns são essenciais, outros importantes, outros, enfim, secundários. Importa, então, se queremos conhecê-la, compreender e agir sobre uma representação, apreender a sua organização, isto é, a hierarquia dos elementos que a constitui e as relações que esses elementos mantêm entre si*. (ABRIC, 2003, p. 1)

O núcleo central é formado por esses elementos mais estáveis, historicamente construídos, como afirma Almeida (2005, p.132), "... Uma mudança de representação só aconteceria se os elementos centrais, aqueles que lhe dão significação, forem transformados". Por outro lado, os elementos periféricos são moldados pelo contexto imediato e permite identificar possíveis diferenças individuais entre os sujeitos que compartilham determinada representação.

Na primeira periferia Abric diferencia dois tipos de elementos, aqueles que possuem uma freqüência alta, mas são evocados nas últimas posições e aqueles que possuem uma freqüência baixa, mas são lembrados prontamente. A esses últimos, o autor denominou elementos de contrastes.

> *Nela encontramos temas enunciados por poucas pessoas (freqüência baixa), mas que os considera muito importantes. Esta configuração pode revelar a existência de um sub-grupo minoritário portador de uma representação diferentes, isto é, cujo núcleo central seria constituído pelo elemento (ou os elementos) presente nesta casa, além do núcleo central apreendido na primeira casa. Porém, pode-se encontrar aqui, evidentemente, um complemento da primeira periferia.* (ABRIC, 2003, p. 6)

A proposta de Abric revela um lado bem paradoxal das representações sociais, ao mesmo tempo em que são estáveis, são instáveis, assim como rígidas e flexíveis, consensuais e com diferenças individuais.

No primeiro momento da presente proposta de pesquisa foi realizado um número significativo de associações livres, a fim de compreender melhor como se configura a

representação social de indisciplina nos sujeitos entrevistados, após esse momento foi realizada uma análise mais "societal" como propõe Willem Doise.

Segundo Doise (2002), as explicações da psicologia social devem se encarregar da ordem individual dos fenômenos, assim como do que é da ordem social. Para o autor, o objetivo do que ele denomina Psicologia Societal é

> *... articular explicações no nível do indivíduo e explicações de ordem social, mostrando como o indivíduo dispõe de processos que lhe permitem funcionar em sociedade e, de uma maneira complementar, como as dinâmicas sociais, particularmente interacionistas, posicionais ou de valores e de crenças gerais, orientam o funcionamento desses processos.* (Doise, 2002, p. 2)

Para abarcar essa compreensão se faz necessário observar quatro níveis de análise: o primeiro trata da observação sobre a maneira como cada indivíduo organiza suas experiências com o meio; o segundo se refere à análise das interações entre sujeitos e como a organização destas interações explicam a dinâmica social; o terceiro nível analisa como as diferentes posições que os sujeitos ocupam na sociedade interferem nos processos intra e inter-individuais; e por fim os estudos guiados pela perspectiva societal analisam como as crenças, representações, avaliações e normas sociais produzem as características de uma determinada sociedade ou de um grupo.

Os estudos de representações sociais que se guiam por essa linha devem, segundo o autor, estudar o que há de comum nas representações sociais dos diferentes sujeitos acerca de determinado objeto social, identificar as diferenças individuais dentro de um campo representacional na relação dos sujeitos com determinado objeto e considerar em que estão ancoradas essas variações individuais.

A pesquisa aqui proposta lançará mão da proposta de Abric, analisando os elementos fundantes da representação social de indisciplina no grupo estudado, assim como fará uso de uma análise que busca evidenciar como a posição social que cada sujeito ocupa (professores e alunos) na dinâmica da sociedade possibilitará formas diferentes de se relacionar com o objeto em questão – a indisciplina. É sobre esse assunto que é dada a continuidade do presente trabalho.

3. METODOLOGIA

Como dito anteriormente, o presente trabalho visou compreender as significações atribuídas ao termo indisciplina por diferentes atores que compõem o cenário escolar, no caso professores e alunos. Na tentativa de compreender as teorias de senso comum de cada um desses grupos de sujeitos, partindo do pressuposto que essas teorias explicam o fenômeno, orientam o comportamento e a relação social das pessoas, além de justificar as práticas a elas referidas, lancei mão da teoria das representações sociais, e de algumas das possibilidades metodológicas que esta permite.

3.1 Participantes

Quatro escolas da cidade do Recife, sendo duas particulares e duas públicas, foram o local de seleção dos sujeitos. Em cada escola participaram duas turmas de alunos, sendo uma de 1º e a outra de 2º ano do ensino médio[7]. Todos os professores do ensino médio de cada escola que concordaram em participar da pesquisa fizeram parte do grupo investigado.

No total, **281 sujeitos** participaram da pesquisa, sendo **30** professores e **251** alunos, dentre os quais 95 foram de escola pública e 156 de escola particular.

3.2 Material e Instrumentos

Foi utilizado primeiramente um questionário de associação livre para todos os sujeitos (anexo 1), cujas palavras indutoras são: **1. aluno ideal, 2. professor ideal, 3. adolescente 4. disciplina e 5. indisciplina**. Num segundo momento, após analisadas as associações livres, foram escolhidos 4 sujeitos, sendo 1 aluno e 1 professor de escola pública e 1 aluno e 1 professor de escola particular, para responder uma entrevista semi estruturada (anexo 2) sobre os seguintes temas:

- A relação professor-aluno
- A natureza da indisciplina;
- As causas da indisciplina
- As conseqüências da indisciplina;

[7] Por motivo de controle da pesquisa, os alunos de 3º ano não participaram, pois estes estavam voltados para o vestibular e as escolas costumam dar um tratamento diferenciado para os mesmos, com aulas mais expositivas, em turmas maiores, entre outros.

- As formas de lidar com a indisciplina;

- O conceito de indisciplina; além de outros aspectos.

Foi utilizado também um gravador de voz na coleta das entrevistas. E dois *software* de análise de dados, o EVOC e o ALCESTE.

3.3 Procedimentos

Primeiramente, foi solicitada a participação das escolas através de uma carta de anuência (anexo 3) junto à direção de cada escola. Após a concordância da instituição os sujeitos foram convidados a participar da pesquisa.

Antes de se iniciar a coleta dos dados, o projeto foi submetido a um comitê de ética, que após as devidas correções, foi aprovado.

Os professores receberam um termo de consentimento (anexo 4) explicando o desenvolvimento da pesquisa, o termo era lido e assinado pelo sujeito e pelo pesquisador, e só a partir desse acordo é que as associações livres eram realizadas. Cada sujeito respondeu ao questionário individualmente. Era solicitado que eles escrevessem todas as palavras ou expressões que lhes viam à mente quando lessem cada uma das cinco palavras indutoras. Em seguida, era pedido que escolhessem, dentre as palavras que eles escreveram, o termo que para eles era o mais relevante. Após a escolha, era solicitado ainda, que o sujeito justificasse o porquê da escolha do termo mais significativo para ele.

Os alunos também receberam o termo de consentimento (anexo 5), e só participaram da pesquisa aqueles que consentiram e foram autorizados pelos pais, no caso dos sujeitos menores de dezoito anos.

O procedimento de coleta das associações livres com os alunos se deu de forma coletiva. Numa sala de aula foi explicado aos alunos que eles deveriam escrever todas as palavras que lhes viessem à mente quando lessem cada uma das palavras indutoras. Após cada palavra indutora foi solicitado que eles escolhessem entre os termos que eles escreveram, o mais relevante. Era solicitada ainda a justificativa pela escolha do termo mais relevante.

As palavras escritas nos questionários no momento da associação livre, tanto dos professores, quanto dos alunos foram analisadas com o apoio do *software* EVOC. Este instrumento de análise cruza duas informações: A freqüência com que uma palavra é dita (o número de vezes que uma palavra é lembrada) e a ordem de evocação de cada palavra (se a palavra é lembrada prontamente, ou se ela é evocada nas últimas posições).

A partir desse cruzamento o *software* fornece quatro informações:

1. As palavras mais freqüentes e lembradas nas primeiras posições (Zona Central)
2. As palavras mais freqüentes e lembradas nas últimas posições. (1ª periferia)
3. As palavras menos freqüentes, mas lembradas nas primeiras posições. (elementos de contrastes)
4. As palavras menos freqüentes e lembradas nas últimas posições.

Além das palavras e expressões que os sujeitos escreveram, eles justificaram suas respostas. Essas justificativas foram primeiramente analisadas com o apoio do *software* ALCESTE, que possibilita a obtenção de classes hierarquizadas a partir de grupos de palavras que freqüentemente aparecem juntas.

O trabalho do ALCESTE consiste em investigar a distribuição do vocabulário em um texto, a partir de análises estatísticas sofisticadas, realizando uma classificação hierárquica descendente. O seu objetivo é distinguir diferentes classes de palavras que representem diferentes formas de discurso sobre o tema estudado. Sua vantagem é produzir uma visão geral de todo o longo corpo de dados em pouco tempo (KRONBERGER & WAGNER, 2003).

Obviamente o computador é incapaz de entender os sentidos das falas, mas a idéia subjacente é que, analisando-se co-ocorrências localizadas de palavras ditas pelo maior número de respondentes possível, os sentidos das sentenças podem ser captados (KRONBERGER & WAGNER, 2003). É neste momento que entra o papel do pesquisador, mas este não seria o de capturar os sentidos das sentenças, mas sim o de construir sentidos, que serão sempre norteados pelo conhecimento científico pelos referenciais teóricos e pessoais.

Após esse primeiro momento de análise, baseado nas respostas dos sujeitos aos questionários de associação livre, foram selecionados 4 sujeitos a fim de serem entrevistados. Foram escolhidos um professor e um aluno de escola pública e da mesma forma na escola particular. A seleção dos professores foi feita a partir de nomes que os alunos escreveram em seus questionários. Em seguida, foi solicitado que cada um dos professores indicasse um aluno, que eles consideravam ideal, para ser entrevistado.

Cada sujeito foi entrevistado individualmente e as entrevistas foram áudio-gravadas e, posteriormente, transcritas. A análise das entrevistas ocorreu de forma qualitativa, através da análise de conteúdo temática, feita a partir da leitura das mesmas e construção de categorias de análise, na tentativa de identificar pontos de semelhança e diferenças entre os discursos.

É importante destacar que a presente pesquisa se baseia numa ética dialógica como propõe Spink (2000), uma ética pautada na responsabilidade.

> ... a pesquisa é pensada como uma prática social e como tal, sujeita à reflexividade... a competência ética busca garantir a visibilidade dos procedimentos de coleta de dados... a dialogia é intrínseca aos processos de coleta e interpretação dos dados, ressignificando a relação que se estabelece entre pesquisadores e participantes. (SPINK, 2000, p. 19)

A autora indica alguns cuidados éticos essenciais à pesquisa pautada na ética dialógica. Essa pesquisa pretende implementar esses preceitos, assim descritos:

1. Consentimento informado - trata-se do acordo inicial entre pesquisador e pesquisado, caracterizando-se por possibilitar a clareza dos objetivos e procedimentos da pesquisa. No caso específico do presente estudo, dois termos serão utilizados, um para os adultos e o outro para os adolescentes, este último pedindo a autorização dos responsáveis. Esse cuidado é de extrema importância, pois garante a transparência da pesquisa, além de assegurar os direitos e deveres de cada um.
2. Resguardo das relações de poder abusivas - trata-se de prezar por uma relação de confiança entre pesquisador e pesquisado. Este preceito diz muito da sensibilidade do pesquisador, analisando os limites de sua pesquisa, a fim de não causar constrangimento ou qualquer tipo de mal ao pesquisado.
3. O anonimato - é o resguardo em qualquer hipótese da identidade do sujeito. Esse ponto precisa estar esclarecido no termo de consentimento informado.

Esses cuidados fizeram parte da pesquisa e permearam todo o processo de coleta e análise dos dados, prezando por um trabalho ético pautado na responsabilidade com o outro.

4. RESULTADOS: DESCRIÇÃO E ANÁLISE

A análise e descrição dos resultados serão explicitadas em três momentos. Inicialmente, tendo como suporte a produção dos sujeitos nos questionários de associação livre. No segundo momento serão analisadas as entrevistas dos sujeitos. Por fim será feita uma discussão dos resultados coletados e analisados neste trabalho.

4.1 Associação Livre e Justificativas

Foram cinco as palavras indutoras ou expressões indutoras que serviam de estímulo para a produção do sujeito: ALUNO IDEAL, PROFESSOR IDEAL, ADOLESCENTE, DISCIPLINA e INDISCIPLINA. Ao ler cada um dos termos, os sujeitos escreviam palavras ou expressões que lhes viessem à mente. Após esse momento mais espontâneo de associação livre, os sujeitos eram convidados a escolher, entre as palavras que eles escreveram, aquela que para eles definia melhor o termo. Nesse momento mais reflexivo, os sujeitos justificavam suas escolhas.

A descrição e análise realizadas abaixo unem esses dois momentos da coleta. A partir de cada palavra, analisaremos as produções dos sujeitos na associação livre e suas justificativas. Inicialmente com a produção dos alunos, seguida pela dos professores, na tentativa de traçar comparações entre as duas.

4.1.1 A Voz dos Alunos

Partiremos das respostas dos alunos a cada uma das palavras indutoras, tentando uni-las pelo objetivo geral do trabalho, que é o de compreender a representação social de alunos e professores sobre indisciplina escolar.

ALUNO IDEAL

Quando os alunos foram convidados a escrever as palavras que lhes viessem à mente ao ler *aluno ideal*, uma gama de termos veio à tona, uns mais freqüentes e prontamente

evocados, outros não tão freqüentes e lembrados por último. O quadro abaixo demonstra como se organizaram as suas respostas. O primeiro quadrante de análise refere-se à região central da representação de aluno ideal, na qual estão as palavras mais freqüentes e primeiramente evocadas, que são os termos mais consensuais e fundantes da representação. Abric (2003) chama a atenção que esse conjunto de palavras não é o núcleo central, mas o núcleo central da representação provavelmente se encontra nele. No segundo quadrante, têm-se as palavras mais freqüentes, porém com ordem menor de evocação. No terceiro quadrante, encontram-se palavras que embora tenham sido citadas menos frequentemente, o foram nos primeiros lugares. Segundo Abric (2003) esse quadrante configura a zona de elementos de contrastes e agrupa palavras que são lembradas por poucas pessoas, mas são importantes para esse grupo. O segundo e o terceiro quadrantes agregam termos não tão consensuais e mais susceptíveis ao contexto imediato. O quarto quadrante congrega os elementos mais periféricos, ou seja, termos menos freqüentes e evocados em último lugar.[8]

Figura 1: Freqüência e ordem média de evocação de palavras, diante da expressão indutora "aluno ideal". (N= 251)

		ORDEM MÉDIA DE EVOCAÇÃO	
		INFERIOR A 3,4	**SUPERIOR OU IGUAL A 3,4**
FREQU	**ACIMA DE 17**	141 – estudioso ---------- 2,36 113 – presta atenção --------- 3,05 62 – comportado ---------- 2,16 62 – responsável ---------- 3,27 55 – inteligente ---------- 2,62 49 – dedicado ---------- 2,69 45 – participativo ---------- 3,33 42 – interessado ---------- 3,12 32 – boas notas ---------- 3,03 26 – aplicado ---------- 2,73	61 – educado ---------- 3,71 53 – respeitador ---------- 3,93 38 – nome ---------- 4,32 30 – esforçado ---------- 3,53 26 – disciplinado ---------- 3,77 22 – amigo ---------- 4,55 17 – pontual ---------- 4,24

[8] Essa explicação serve também para as outras tabelas que serão demonstradas.

	IGUAL OU INFERIOR A 17	14 – prestativo ---------- 3,14 11 – obediente ---------- 2,82 6 – calmo ---------- 3,00 5 – compromissado ---------- 3,20 5 – extrovertido ---------- 3,20	14 – assíduo ---------- 4,21 12 – faz as tarefas ---------- 3,92 10 – legal ---------- 4,60 9 – companheiro ---------- 5,00 8 – compreensivo ---------- 4,38 8 – organizado ---------- 5,13 7 – cumpre regras ---------- 3,71 7 – alegre ---------- 4,00 7 – respeita o professor---------- 4,57 7 – comunicativo ---------- 4,71

A partir do esquema acima, é possível inferir que, neste nível da análise, ao pensar sobre um "aluno ideal", os alunos enfatizaram aspectos mais ligados ao intelecto e ao comportamento "adequado", por exemplo: presta atenção, estudioso, boas notas, inteligente, comportado, entre outros. Já os aspectos ligados às relações sociais parecem ser pouco considerados na idéia de "aluno ideal". As características que enfatizam esse outro aspecto só aparecem a partir da primeira periferia e com poucas referências, como por exemplo: amigo, respeitador, legal, prestativo, companheiro, etc.

A representação do grupo parece se organizar em torno de três eixos de significados: o intelectual, o comportamento acadêmico e as relações sociais. Contudo, os dois primeiros citados parecem possuir um peso maior na estrutura da representação do grupo.

A alta freqüência das palavras e expressões estudioso, presta atenção, comportado e educado, nos faz pensar que a representação de "aluno ideal" do grupo entrevistado parece ser mais evidenciada como uma característica individual, não sendo vista na interação com o professor e com os outros amigos. Seria pensar que cada pessoa depende, unicamente, de si para obter êxito nas atividades escolares. O papel do professor e dos colegas não se mostra relevante para o que se espera do aluno na escola.

Com a análise das justificativas, ainda sobre "aluno ideal", foi possível olhar de maneira mais abrangente os dados, podendo-se visualizar outros aspectos da representação dos alunos sobre o objeto em questão.

Com o auxilio do software ALCESTE foi possível aglutinar as respostas dos sujeitos em oito classes, como pode ser visualizado abaixo (figura 1).

Para melhor entendimento, as classes serão analisadas pelas suas proximidades como se vê no dendrograma, ou seja, as classes 1 e 2 serão agrupadas em uma categoria de análise, assim como a 3, 4 e 5, seguida pela análise das classes 7 e 8 e posteriormente, a classe 5.

Figura 2: Dendrograma construído a partir das justificativas dos sujeitos, diante da expressão indutora "aluno ideal".

```
Cl. 1 (  33uce) |-------------+  Presta atenção e participativo
            14                |----------------------------------+
Cl. 2 (  32uce) |-------------+                                  |
Cl. 3 (  32uce) |------------+                                   |
            13               |---+                               |
Cl. 4 (  27uce) |------------+   |                               |
            19                   | Responsável, estudioso e esforçado
            15                   |-----------+                   |
Cl. 6 (  19uce) |----------------+           |                   |
            16                pensa no futur |----+              |
Cl. 7 (  18uce) |-----------+ Ded. à mater.  |    |              |
            12              |----------------+    |              |
            17              |                     |-------------+
Cl. 8 (  35uce) |-----------+ boas notas          |
Cl. 5 (  20uce) |--------------------------------+
```

As duas primeiras classes se separam das outras seis de forma mais evidente, elas parecem se relacionar ao comportamento do aluno em sala de aula, enquanto as outras se referem mais especificamente às qualidades pessoais dos mesmos.

1. Um aluno ideal **PRESTA ATENÇÃO** (classe 1) e é **PARTICIPATIVO** (classe 2)

Um primeiro grupo de respostas dos sujeitos define o aluno ideal como aquele que presta atenção à aula.

"aquele que presta atenção nas aulas e estuda em casa."
"prestar atenção às aulas para 'captar' pelo menos 75%do assunto."
"se não prestar atenção não tem como pegar o conteúdo."

Estar atento à aula foi trazido de forma significativa pelo grupo na compreensão de um aluno ideal, ou seja, quando o grupo justificou suas respostas na associação livre, eles ressaltaram a idéia de que o bom aluno presta atenção.

Contudo essa primeira classe veio próxima a outra revelando que no entendimento do grupo sobre o aluno ideal, não basta apenas ficar em silêncio prestando atenção. Um grupo de respostas destaca a participação do aluno na aula.

"participação é algo muito importante, pois um aluno que participa na aula ajuda tanto o professor quanto seus amigos."
"a participação do aluno é fundamental para o desenvolvimento da aula. se ele não participa, não e possível trabalhar o conteúdo didático."

É importante destacar que essa relação entre as duas classes nos leva a pensar que o grupo, ao representar o aluno ideal, ao mesmo tempo em que destaca a importância da atenção do aluno com a aula, ressalta também a sua participação. Entende-se aqui participação como: fazer perguntas, cumprir as tarefas e responder às indagações dos professores, entre outros.

Se fôssemos então circunscrever esse primeiro ponto da teoria dos próprios alunos do que é um aluno ideal, este seria um atento participativo.

O segundo grupo de respostas dos sujeitos evidencia aspectos mais individuais do aluno ideal.

2. Um aluno ideal é **RESPONSÁVEL** (classe 3), **ESTUDIOSO** (classe 4) e **ESFORÇADO** (classe 6).

Outro aspecto destacado pelos sujeitos, enfatiza a responsabilidade, relacionada ao cumprimento de suas tarefas.

"o aluno ideal seria o aluno responsável, pois geralmente, o aluno que tem responsabilidade, cumpre quase todas as virtudes que eu citei."
"faz tarefas, cumpre todas as suas obrigações, por isso é um aluno ideal."

Em função da responsabilidade com as obrigações escolares, o aluno ideal, na representação do grupo, reserva tempo para estudar.

"estudioso porque de todas qualidades é a mais importante na minha concepção."
"o aluno ideal deve ser principalmente estudioso e curioso, pois assim o seu progresso escolar será muito mais significativo."

O outro aspecto ressaltado nesse grupo de classes foi o esforço.

"acho que dedicação e esforço são os mais importantes, porque mesmo você não podendo ter um ensino bom, a pessoa, se for dedicada e se esforçar, consegue ir além."
"pois com todas essas qualidades qualquer pessoa pode ser um aluno ideal persistente, porque é com persistência que conseguimos chegar a nossos objetivos."

O aluno ideal não faz sua parte apenas na sala de aula, ele estuda e se esforça para cumprir com suas tarefas escolares. Os aspectos destacados pelos alunos nesse segundo grupo de respostas põem em relevo características individuais como sendo a chave para alcançar o status de aluno ideal.

O terceiro grupo de respostas dos sujeitos abrange as classes 7 e 8 e possui certa proximidade com as classes 3,4 e 6.

3. Um aluno ideal é **DEDICADO À MATÉRIA** (classe 7) e **PENSA NO FUTURO** (classe 8)

O aluno ideal, como já foi trazido, é estudioso, porém acrescenta-se nesta classe, que ele estuda mesmo fora de sala de aula.

"aluno dedicado, porque mesmo que você não compreenda alguma matéria você pode se dedicar mais a ela e se dar bem. tem que se dedicar aos estudos."
"porque temos que nos dedicar em casa principalmente quando chegamos da escola, para revisar a matéria.

O estudo, o esforço e a responsabilidade destacados anteriormente são agora relacionados ao conteúdo das matérias escolares. Os alunos guardam consigo o sentimento de que conseguindo ser bom naquilo que eles fazem, o futuro parece ser mais "certo".

"o aluno ideal precisa ser estudioso, porque é esse estudo que vai lhe permitir conquistar as coisas no futuro."
"o aluno ideal tem que ter um objetivo na vida, exemplo: uma profissão a seguir.
"responsabilidade e pontualidade é o principal para o aluno que quer ser alguém na vida."

Tudo se passa como se ao pensar no futuro, ele se comprometesse com os estudos o que o levaria a um bom desempenho escolar.

4. Um aluno ideal tira **BOAS NOTAS** (classe 5)

Como conseqüência dos pontos destacados acima, o aluno ideal tem boas notas em seu boletim escolar.

"um cara que tira notas boas e altas que se interessa muito, uma pessoa que passa por media."
"interessado e tira notas boas que estuda."
"por mais que o aluno converse um pouco ou perturbe um pouco, ele precisa ser estudioso para aprender, tirar boas notas e passar de ano."
"o aluno interessado, mesmo não sendo tão inteligente, pode tirar boas notas e superar seus obstáculos na escola."

Mesmo às vezes não apresentando o comportamento esperado, o aluno ideal consegue tirar boas notas e conquistar a aprovação.

É importante destacar que essa classe possui uma proximidade maior com as cinco últimas (aspectos mais individuais), do que com as duas primeiras (comportamento em sala de aula), esse ponto leva a refletir que, na representação dos alunos, o esforço pessoal é mais importante do que o aproveitamento em sala de aula para um rendimento escolar satisfatório.

Ao escolherem um único termo, como sendo o mais importante na caracterização do aluno ideal, e a partir deste justificar sua resposta, fica ainda mais evidente a ênfase dos alunos nos aspectos cognitivos, em detrimento dos sociais.[9] Quando se pensa em um aluno hipoteticamente ideal, emerge alguém voltado para os estudos, principalmente da matéria escolar, atento e participativo à aula, além de responsável com suas tarefas, esforçado e dono de um boletim impecável. Todavia o aluno amigo, companheiro, que ajuda o seu colega nas tarefas, que sabe organizar o grupo de trabalho, que leva ao professor as queixas da turma e sabe negociar; esse parece ser esquecido no meio de tantas atividades intelectuais.

[9] Não se está aqui querendo dizer que há uma dicotomia entre o social e o cognitivo, mas pretende-se enfatizar os aspectos mais relacionais, ou interacionais que foram minimizados frente a aspectos que parecem dar à aprendizagem um tom de individual.

A representação de aluno ideal parece estar objetivada na figura do aluno que consegue alcançar um bom rendimento escolar, traduzido pelas notas obtidas. Através do esforço, dedicação, responsabilidade, atenção e participação, se chega a um bom aproveitamento nas avaliações e, como conseqüência, a boas notas.

Essa representação de aluno ideal, construída pelos alunos, parece estar ancorada numa perspectiva de aprendizagem como acúmulo de conteúdo e ainda, numa concepção de passividade do aprendiz, na qual ele teria pouco a contribuir com o conteúdo da aula, pois a construção do conhecimento não partiria dele. Ele se esforça, estuda, participa – para aprender um conteúdo que vem de fora.

Esses dois pontos somados à idéia de que o aluno é o único responsável pelo seu sucesso ou fracasso, parecem caracterizar a teoria dos alunos. Neste sentido eles não seriam reprovados ou aprovados, mas eles se reprovariam ou aprovariam.

A teoria dos alunos sobre aluno ideal coloca a escola numa posição "confortável", pois a mesma não seria responsável pela aprendizagem do aluno.

Nesse sentido, qual seria a representação de professor?

PROFESSOR IDEAL

A segunda palavra indutora foi PROFESSOR IDEAL, a produção dos sujeitos na associação livre está esquematizada abaixo.

Figura 3: Freqüência e ordem média de evocação de palavras, diante da expressão indutora "professor ideal". (N= 251)

		ORDEM MÉDIA DE EVOCAÇÃO	
		INFERIOR A 3,2	**SUPERIOR OU IGUAL A 3,2**

	ACIMA DE 16	49 – atencioso 49 – inteligente 46 – amigo 42 – legal 40 – paciente 39 – explica bem 26 – brincalhão 24 – dinâmico 24 – respeitador 23 – pontual 22 – compreensivo 22 – educado	79 – nome 25 – responsável 21 – divertido 20 – comunicativo 17 – gosta do que faz 16 – dedicado 16 – simpático
	IGUAL OU INFERIOR A 16	13 – prestativo 12 – ajuda o aluno 11 – companheiro 11 – alegre 8 – bom relacionamento 8 – descontraído 7 – conversa com o aluno 6 – se preocupa com o aluno 6 – conselheiro 6 – interativo 6 – sábio 5 – domina o assunto	15 – calmo 15 – bem humorado 14 – coloca moral 12 – assíduo 10 – educador 10 – justo 8 – exigente 8 – extrovertido 7 – rigoroso 7 - organizado 7 - experiente 6 – profissional

Diante dos dados acima, destacamos que: ao pensarem em um aluno ideal, os sujeitos destacaram prioritariamente os aspectos cognitivos, entretanto, quando se pensa em um suposto professor ideal, destaca-se uma quantidade maior de características voltadas para a relação social (amigo, comunicativo, brincalhão), porém que cumpra também a função dada ao professor, entendido como aquele que transmite conhecimento (explica bem, ensina bem).

Enquanto a função do aluno se voltou principalmente para os estudos, a do professor não seria, segundo os alunos, apenas transmitir uma quantidade de informações que cumpram as exigências de um vestibular, por exemplo. A relação do professor com os alunos parece ter ganhado o papel de protagonista, a relação com o aluno seria a principal função do professor.

A produção dos alunos na associação livre é ainda mais enriquecida de informações ao analisarmos as justificativas.

Quando pedidos para justificar suas respostas, os sujeitos produziram seis classes de idéias segundo a divisão realizada pelo software (como mostra o dendrograma da Fig. 2). Três das quais com uma proximidade maior (classes 1,4 e 5), outras duas também intimamente

relacionadas (classes 2 e 3) e uma outra classe que não mantém uma relação forte com as outras (classe 6).

Figura 4: Dendrograma construído a partir das justificativas dos sujeitos, diante da expressão indutora "professor ideal".

```
Cl. 1 (  31uce) |---------------+   educador para a vida
            16                  |-----------+ compreende a singul
Cl. 4 (  42uce) |---------------+           | gosta do que faz
            17                              |---------+
Cl. 5 (  52uce) |---------------------------+         |
            18                                        |---------+
Cl. 2 (  30uce) |--------+ Amigo e profissional       |         |
            13           |----------------------------+         |
            19           |facilita o aprendiz e impõe respeito  |+
Cl. 3 (  13uce) |--------+  dá uma aula atrativa                |
Cl. 6 (  48uce) |----------------------------------------------+
```

A descrição das classes será realizada, como anteriormente, pela proximidade das mesmas. Serão agrupadas as classes 1,4 e 5, depois a 2 e 3 e por fim, a classe 6, que ficou distante das outras cinco.

1. Um professor ideal é um **EDUCADOR PARA A VIDA** (classe 1), que **COMPREENDE A SINGULARIDADE DO SEU ALUNO** (classe 4) e **GOSTA DO QUE FAZ E DO SEU ALUNO** (classe 5).

O professor ideal, para os alunos, está muito além da sala de aula, os ensinos do mestre são importantes para suas vidas.

"um professor educador é aquele que ensina e educa o aluno."
"a função principal do professor é educar."
"um professor tem que saber passar a sua lição para os alunos, não só do colégio, mas também tem que ensinar coisas para a vida."

A relação que existe entre o aluno e o professor não se constitui apenas através da transmissão de um conteúdo científico. Os alunos revelam uma preocupação com sua educação de uma forma mais abrangente. Além do mais, o professor educador reconhece que

cada aluno seu é uma pessoa diferente e sabe aguardar o tempo e a maneira de cada um aprender.

"compreensivo, professor que tenha a paciência de entender a dificuldade do aluno."
"porque o professor deve entender que certos alunos demora a aprender certos assuntos, ele deve ser paciente explicando até entender."
"o professor ideal tem que ser muito paciente com todos os alunos, porque têm uns que aprendem logo e têm outros que não."

Educar para a vida requer paciência e conhecer bem o seu aluno, além de gostar do que faz e arriscar ser amigo do seu aluno, já que o aluno é o objetivo da profissão.

"um professor como qualquer área de trabalho tem que gostar do que faz se não vale a pena."
"quando a pessoa tem prazer em fazer aquilo, as coisas saem mais bem feitas. isso trará um resultado positivo para ambos os lados, aluno e professor."
"pois é preciso ser amigo dos alunos para ter uma boa relação profissional."
"porque na minha opinião as aulas com professores amigos, rendem mais do que as aulas com professores fechados."

As respostas trazidas até aqui demonstram que a representação dos alunos de um professor ideal ressalta o lado privilegiado da relação social que o mestre precisa ter com seu aluno. Enquanto que o aluno ideal não tinha uma ligação intima com a figura do professor, ao pensar sobre o professor, este parece possuir uma ligação indissociável com o aluno.

As duas próximas classes ressaltam características da prática profissional, sem perder de vista os aspectos listados acima.

2. Um professor ideal é **AMIGO, MAS PROFISSIONAL** (classe 2), além de **FACILITAR O APRENDIZADO e IMPOR RESPEITO** (classe 3).

A relação de amizade entre o professor e o aluno não tira a responsabilidade profissional do mesmo.

"um professor não pode faltar ou se atrasar na hora de dar aula."
"acima de tudo o professor tem de ser responsável com aquilo que ele faz na sala de aula."
"fulana tem tudo que um professor precisa. é inteligente, sabe explicar e, principalmente carismática."

Um professor ideal, como representa os alunos, cumpre com suas obrigações sem perder de vista a preocupação com a aprendizagem dos alunos e o comportamento em sala.

"fulana conquista a amizade e o controle da sala por onde passa, sem dúvida é a melhor professora."
"o professor ideal é aquele que sabe o seu conteúdo muito bem para poder transmiti-lo e ter moral com a turma para o aprendizado ser maior e não ser chamado de besta.
"dar atenção ao aluno, facilita seu aprendizado."

Mesmo quando os alunos destacam o papel profissional do professor, evidenciam uma importância na relação social com os alunos. É como se, para os alunos, ser professor é sempre pensar no aluno, seja facilitando a aprendizagem ou cobrando uma determinada postura em sala de aula, é ter o foco no aluno até mesmo quando chega pontualmente na aula ou elabora uma avaliação.

Com uma ligação menor com as outras classes os alunos destacaram mais um ponto do professor ideal.

3. Um professor ideal **DÁ UMA AULA ATRATIVA** (classe 6)

A criatividade do professor, as aulas construídas de forma diferente e interessantes para o aluno são também aspectos destacados na definição do professor ideal.

"o professor que ensina de maneira diferente, fica mais gostoso de aprender e os alunos começam a pegar gosto pela matéria."
"esses professores que eu citei pra mim são os melhores, porque eles tem uma maneira bem legal e divertida de passar a aula, nos deixando tão envolvidos a ponto de querermos participar junto com eles."

"porque quando o professor utiliza criatividade na aula o aluno aprende mais e a matéria se torna mais fácil e divertida de aprender."

Essa última classe, que ficou isolada das outras, parece ser a mais relacionada a uma característica individual do professor, contudo, mais uma vez se destaca a preocupação com os alunos, traduzida na forma de preparar e ministrar a aula. O professor ideal faz da aula um momento prazeroso.

Ao justificarem suas respostas, os alunos "desenharam" um protótipo de professor que não apenas facilite o aprendizado deles, mas que mostre o prazer pelo ofício, traga lições para toda a vida, que não se sinta intimidado em ser seu amigo e ser autoridade, que se preocupe com eles e com a aprendizagem e ainda, faça da aula um momento muito bom.

A representação evidenciada pelos sujeitos caracteriza o professor ideal como tendo o seu foco sempre no aluno. Parece ser uma teoria diferenciada, quando comparada a de aluno ideal, enquanto esta última revela uma não valorização da relação professor-aluno no sucesso escolar, a representação dos alunos sobre o professor ideal parece estar ancorada na importância que é dada a afetividade e a relação desta com a aprendizagem. Trata-se de uma compreensão mais construtivista dos processos de ensino-aprendizagem, na qual ao professor cabe compreender o seu aluno na sua singularidade, respeitando o ritmo de cada um e ajudando-o a construir determinado conhecimento.

O professor idealizado pelos alunos tem como foco do seu trabalho o próprio aluno e trabalha com bom-humor, autoridade, responsabilidade, pontualidade, respeito, entre outros. É importante notar que os alunos não idealizam um professor que não os cobre, seja irresponsável, aprove todos os alunos sem critérios, anárquico, pelo contrário, a autoridade, o respeito, a assiduidade, a pontualidade, são aspectos destacados. Há, a meu ver, um pedido de parâmetros, limites (como se costuma dizer). A relação se dá entre uma autoridade, alguém que merece respeito, mas precisa se dá ao respeito, e alguém que precisa respeitar, se dedicar, prestar atenção... Como o aluno ideal.

Essa teoria possibilita ao aluno uma aproximação maior com seu professor, a relação que se quer não é de distanciamento, pelo contrário, se quer um amigo, mas que ensine o caminho a seguir, não só na escola, mas por toda a vida.

ADOLESCENTE

Como os alunos entrevistados representam o adolescente? Será que existe relação com o que para eles é indisciplina?

A organização dos dados abaixo circunscreve uma primeira hipótese sobre a estrutura representacional dos sujeitos sobre a adolescência.

Figura 5: Freqüência e ordem média de evocação de palavras, a partir do termo indutor "adolescente". (N= 251)

		ORDEM MÉDIA DE EVOCAÇÃO	
		INFERIOR A 3,5	**SUPERIOR OU IGUAL A 3,5**
FREQUENCIA	**ACIMA DE 14**	42 – namoro 31 – responsável 30 – alegre 29 – brincalhão 23 – rebelde 21 – festas 19 – mudanças 17 – diversão 16 – confuso 15 – puberdade 15 – curtir a vida	28 – amigos 26 – estudos 19 – respeitador 19 – escolhas 18 – amigo 17 – educado 17 – balada 14 – drogas
	IGUAL OU INFERIOR A 14	12 – complicado 12 – liberdade 11 – extrovertido 11 – obediente 11 – escolhas 11 – problemas 11 – inteligente 10 – divertido 9 – feliz 8 – fase 8 – consciente 8 – crises 7 – irresponsável 6 – dúvidas	13 – sexo 12 – amadurecimento 12 – amor 8 – bagunceiro 8 – formação do caráter 7 – companheiro 6 - futuro

Os dados me fazem perceber, neste ponto da análise que enfoca mais a estrutura da representação, que os elementos mais fundantes da representação dos alunos sobre adolescência são ligados a aspectos positivos, como por exemplo: namoro, responsável,

alegre, brincalhão, entre outros, surgindo em segundo plano outros termos, como: rebeldia, complicado, drogas. As características mais "bem vistas" no âmbito social são bem ressaltadas em detrimento das palavras que expressam uma "má visão" da adolescência. Contudo, a representação dos alunos é composta de alguns aspectos, aparentemente, paradoxais, como por exemplo: respeitador-rebeldia, responsável-irresponsável, entre outros. Com a análise das justificativas, esse raciocínio poderá ser mais bem explorado.

Os dados foram agrupados em cinco classes, que formam dois grupos de proximidades. As classes 1,2 e 4, por um lado e a 3 e 5 por outro, como demonstra o esquema abaixo.

Figura 6: Dendrograma construído a partir das justificativas dos sujeitos, quando tiveram como palavra indutora "adolescente"

```
Cl. 1 (  37uce) |----------------+ liberdade e família,
            14                   |----------+ brincad. e rebeldia,
Cl. 2 (  29uce) |----------------+          | diversão e respons.
            18                                |-------------------+
Cl. 4 (  37uce) |----------------------------+                    |
            19                                                    +
Cl. 3 (  19uce) |------------------+ Fase de descob. e escolhas  |
            15                      |-----------------------------+
Cl. 5 (  49uce) |------------------+ Fase nem criança nem adulto
```

As três primeiras classes parecem revelar uma tensão entre as obrigações com a família e o desejo de independência, as brincadeiras mais sadias e os momentos de rebeldia e ainda, a diversão e a responsabilidade.

1. O adolescente **DESEJA A LIBERDADE e CONVIVE COM A FAMILIA** (classe 1), gosta de **BRINCADEIRAS, mas às vezes é REBELDE** (classe 2) e se **DIVERTE, mas com RESPONSABILIDADE** (classe 4)

A primeira classe construída a partir das respostas dos sujeitos uniu dois aspectos que parecem revelar um certo antagonismo, é como se um lado da visão de adolescente (a dependência da família) estivesse em conflito com o outro (desejo de liberdade).

"liberdade é o que a maioria dos jovens quer obter, isso é um grande problema entre adolescentes e pais."

"porque muitos deles não querem obedecer aos pais, a família, querem tudo do seu jeito."
"uma mãe ou um pai que tem um filho estudioso, obediente, que respeita a todos é ter um filho perfeito.
"ótimo filho que respeita os pais, a família e acima de tudo que os ama."

As duas primeiras frases dos sujeitos destacam, de forma mais clara, esse possível conflito entre o desejo de liberdade ou de autonomia e o relacionamento com os pais. Contudo, ao ler as duas últimas frases, percebemos uma consideração positiva pela obediência aos pais. Mesmo desejando a liberdade, é como se o correto fosse respeitar a opinião dos pais.

Destaca-se no próximo grupo de respostas a idéia de que, na tentativa de concretizar esse sonho de liberdade, algumas vezes os filhos se rebelam contra o pai. Todavia, juntamente à idéia de rebeldia aparece a de brincadeira, talvez o que é chamado de rebeldia, seja ainda brincadeiras, porém não mais aceita pelos pais, ou pelo menos, fora dos olhares deles.

"a rebeldia é o ponto em comum entre todos os adolescentes."
"bom, os adolescentes de hoje estão muito rebeldes, então para ser um adolescente perfeito não tem que ter vícios. porque o mundo está levando a isto.
"a indisciplina geralmente é algo muito ligado ao adolescente, porque nesta idade e comum haver certa rebeldia e teimosia em relação a fazer coisas erradas.
"os adolescentes gostam de brincar, se divertir.
"porque todo adolescente como eu gosta de curtir e brincar, de varias maneiras."

Ao mesmo tempo em que é caracterizado como rebelde, o adolescente é visto como alguém que quer brincar. A tensão entre o que é brincadeira ou rebeldia, traz consigo um terceiro grupo de justificativas, que vêm enfatizar a importância da brincadeira (diversão), porém com responsabilidade.

"aquele que não faz nada de errado e se diverte ao mesmo tempo."
"o adolescente deve ser responsável nas coisas que faz."
"todo adolescente deve se divertir, beijar na boca, fazer tudo aquilo que lhe faz bem, mas sempre com responsabilidade."
"todas as adolescentes gostam de sair, se divertir, ser alegre ter um companheiro para compartilhar sua alegria."

"adolescente tem que se conscientizar que só porque tá mais velho não é dono de si e não pode fazer coisa errada."

Os três primeiros grupos de respostas evidenciam um conjunto de idéias sobre o adolescente ligado à diversão, brincadeiras, que precisam porém, ser vividas com responsabilidade e, por ainda estarem "presos" aos pais, pode-se ver essas brincadeiras, algumas vezes, como rebeldia.

As outras duas classes vêm contribuir no entendimento da representação dos alunos sobre adolescência. Esta é entendida como uma fase em que não se é criança, mas também não se é adulto, um momento de descoberta da vida, no qual se precisa escolher o que fazer.

2. Adolescência é uma **FASE DE DESCOBERTAS E ESCOLHAS** (classe5), na qual **NÃO SE É CRIANÇA, NEM ADULTO** (classe 3).

Talvez a ligação com os pais e as brincadeiras façam o adolescente se sentir ainda criança, mas a possibilidade de romper, de se sentir livre, os leve a um entendimento de novo momento da vida, que traz a dificuldade de definição do seu lugar.

"essa é a fase mais difícil vivida por um ser humano, onde não é criança, porém ainda não é adulto, uma total confusão."
"você quer dar uma de adulto de qualquer forma."
"pois se você não tiver uma boa adolescência, você vai ser um mau adulto."
"a adolescência é uma fase complicada na vida das pessoas."
"pois é, uma fase muito difícil, já que você tem que aproveitar o presente pensando no futuro."

Momento de descobertas e escolhas, que possui, para os adolescentes, um caráter formativo da sua identidade e definidora de seu futuro.

"descobridor, porque é na adolescência que passamos a descobrir como é a vida, para que possamos escolher o que nós vamos seguir, nossa personalidade, nosso caráter e etc."
"a fase da adolescência é envolvida de decisões marcadas por influências."
"é na adolescência que se descobre que a vida é feita de escolhas e o amanha está na mão."

"a fase da adolescência é marcada pelas escolhas que são feitas, tanto para decidir o futuro, quanto para formatar o caráter."
"é a fase que nós descobrimos nossa personalidade, nosso caráter, o começo dos nossos sonhos."
"fase da vida em que a pessoa quer escolher qual caminho seguir, bem ou mal."

Para os adolescentes, o tornar-se adulto leva a descobertas e também à necessidade de escolher. Mas ainda não se é adulto, é um momento um pouco indefinido, que envolve um certo conflito entre o que se é e o que se quer ser. A rebeldia seria uma forma "errada" de viver esse momento, os sujeitos ressaltam uma certa conformidade à família e a uma diversão com responsabilidade. É como se a indisciplina, fazer coisas erradas, se isolar da família, fosse a escolha errada, dentre as muitas que o adolescente teria na sua formação. O conflito não seria com as instituições família, escola, sociedade, mas entre as possibilidades e o que escolher. Diferentemente do aluno ideal, que pensa no seu futuro de forma mais objetiva e, através dos estudos, busca alcançá-lo.

A representação de adolescente se distancia da teoria desenvolvida para aluno ideal. Na associação livre, a única palavra que está na região central das duas palavras indutoras é "responsável", e nas justificativas o ponto comum que se consegue observar foi também a responsabilidade, no caso do aluno ideal com suas tarefas, no caso do adolescente, diversão com responsabilidade.

É como se para os alunos a visão de adolescente em pouco, ou em quase nada, se relaciona com a de aluno ideal.

DISCIPLINA

Quando convidados a escreverem as palavras ou expressões que lhes viam a mente ao ler a palavra indutora "disciplina", os sujeitos produziram uma grande quantidade de dados, os quais estão demonstrados na tabela abaixo (tab. 4).

Figura 7: Freqüência e ordem média de evocação de palavras, a partir da palavra indutora "disciplina". (N= 251)

		ORDEM MÉDIA DE EVOCAÇÃO

		INFERIOR A 2,9	SUPERIOR OU IGUAL A 2,9
	ACIMA DE 15	90 – respeito 68 – educação 40 – obedecer 37 – regras 33 – bom comportamento 26 – responsabilidade 20 – organização 17 – atenção	21 – família 17 – ética 16 – escola
	IGUAL OU INFERIOR A 15	15 – ordem 13 – cumprir regras 11 – necessária 7 – fazer da maneira certa 7 – rigor 6 – estudar	11 – justiça 9 – pontualidade 9 – compromisso 7 – consciência 7 – professor 7 – caráter 7 – certo 6 – chatice 6 – punição 6 – moral

Observando a tabela 4, percebe-se que as palavras que dão sustentação a estrutura representacional do grupo entrevistado refletem uma adequação à sociedade, isto é, valores socialmente aceitáveis. Palavras como respeito, educação, obedecer, regras, bom comportamento, sugere-nos que no centro da representação de disciplina, está a concepção desta como obediência e respeito às regras, através de um bom comportamento.

Próximas a esse centro, palavras como família e escola, nos leva a pensar que, para os alunos, essas instituições têm um papel relevante no estabelecimento da disciplina.

A representação extraída desse primeiro momento de análise parece transmitir certa passividade, ou seja, é algo que é dado e precisa ser respeitado, obedecido, cumprido. A leitura dos dados não transmite, por exemplo, uma idéia de acordo, no qual o aluno não é apenas um cumpridor passivo de normas, ou de regras.

Ainda na análise da estrutura da representação de disciplina do grupo entrevistado. Os sujeitos aparentemente não compreendem a disciplina como algo ruim, ou desnecessária. A única palavra que poderia transparecer essa idéia negativa da disciplina, é “chatice”, que só aparece no último quadrante e por apenas 5 dos 251 sujeitos. Pelo contrário, a idéia de disciplina do grupo parece estar mais ligada ao que é certo e necessário.

A análise das justificativas nos possibilitará aprofundar mais a discussão trazida até então.

As respostas dos sujeitos foram agrupadas em cinco classes. A classe 1 aparece mais isolada das classes 2,3 e 4, porém, ainda com uma certa relação. Já a classe 5 parece guardar uma fraca relação com as outras quatro. A análise será iniciada pela classe 1, seguida das classes 2, 3 e 4, que serão analisadas juntas, devido à proximidade existente entre elas, por fim, atentarei para a última classe.

O dendrograma abaixo demonstra a organização dos dados.

Figura 8: Dendrograma construído a partir das justificativas dos sujeitos à palavra indutora "disciplina". (

```
                        Respeito
Cl. 1 (  29uce) |--------------------------------+
Cl. 2 (  18uce) |---------+ cumprir regras,      |
            17            | organização e obediê.|---------------+
            11            |-------------+        |               |
Cl. 3 (  14uce) |---------+             |        |               |
            14                          |--------+               |
            18                          |                        +
Cl. 4 (  42uce) |-----------------------+     Educação            |
Cl. 5 (  46uce) |-------------------------------------------------+
```

1. Disciplina é ter **RESPEITO** (classe 1)

O primeiro grupo de respostas dos sujeitos liga à disciplina à idéia de respeito às pessoas, e não somente às regras e instituições.

"o aluno deve ter em sala de aula, todo o respeito com as outras pessoas que estão a sua volta."

"porque nós vivemos numa sociedade em que devemos ter respeito por todos, não importando as diferenças."

"deve ter o respeito pelas pessoas nas diversas situações que enfrentamos na escola."

"O principal requisito da disciplina é o respeito com o próximo, se não houver, não existe disciplina."

As respostas dos sujeitos trazem a idéia de disciplina como o respeito, que precisa existir nas relações sociais de uma forma geral. Nesse sentido seria um acordo social implícito, no qual cada um respeita seu próximo.

Com as justificativas, os alunos trouxeram uma visão mais compactuada da disciplina, algo bem mais abrangente, que envolve a sociedade e pode ser demonstrada pelo respeito ao próximo.

Enquanto essa primeira classe traz esse aspecto bilateral da disciplina, no qual há uma necessidade de todos se respeitarem, o segundo grupo de respostas, concebe a disciplina como uma adequação às normas, algo mais unilateral.

2. Disciplina é **CUMPRIR REGRAS** (classe 2), **ORGANIZAÇÃO** (classe 3) e **OBEDIÊNCIA** (classe 4).

O ato de cumprir regras é entendido aqui como a própria disciplina.

"disciplina e simplesmente cumprir regras."
"ter que cumprir regras é o ponto exato da disciplina."
"toda pessoa que tem disciplina cumpre regras. As regras são o principio da disciplina."
"A disciplina é feita de regras, para sermos disciplinados temos que obedecer-lhas."
"disciplina é um conjunto de regras a serem obedecidas."
"disciplina e regras andam unidas. não há disciplina sem regras."

Além de cumprir as regras existentes, a representação de disciplina contém elementos relacionados ao conceito de organização.

"A organização é fundamental para a disciplina."
"disciplina é sinônimo de organização, sem isso nossa vida vira uma verdadeira bagunça, é preciso criar o habito da disciplina, pois ela será muito útil na sua vida."
"organização é uma base para a disciplina, ser organizado é ser pontual e a organização ajuda-nos a manter tudo sobre o controle."

A idéia de organização transmitida pela produção dos alunos possui um caráter de cumprimento de regras – "é ser pontual" – e de uma certa ordenação da vida – "sem isso a vida vira uma... bagunça".

Juntamente com a compreensão de organização e cumprir regras, a representação de disciplina é relacionada à obediência.

"ser obediente, saber quando é hora de brincar e quando e hora de parar."
"porque uma pessoa tem uma boa disciplina tem que primeiro de tudo ser obediente"
"obediência é essencial para uma boa disciplina."

A obediência parece ser vista como algo do ser, ou seja, por ser obediente eu sou disciplinado. A obediência é algo conquistado antes, e levaria a pessoa a se comportar de uma forma "adequada", na qual se cumpre as regras.

A representação de disciplina dos sujeitos une dois aspectos, o respeito pelo o outro, pelo semelhante e a adequação às normas. Seria algo importante para a relação com as pessoas e com as instituições.

Todavia, o último grupo de respostas, que se distanciou um pouco dos outros, vem acrescentar um aspecto, aparentemente, primordial, que geraria os outros citados até aqui, inclusive a obediência.

3. Disciplina é **EDUCAÇÃO** (familiar) PARA **SABER COMO SE COMPORTAR** (classe 5)

A educação aparece como uma característica mais básica no ser humano, seria um a priori da disciplina.

"bom, disciplina é alguém que é educado e tem um bom comportamento em todos os lugares."
"educação para que saiba se comportar de maneira correta em qualquer circunstância.
"escolhi família, porque acho que o maior exemplo que você pode receber de alguém é em casa."
"A disciplina de um individuo, começa em casa com seus pais, se caso a pessoa for de fácil entendimento a educação ira fluir bem.

É destacado pelos alunos o papel da família na constituição da pessoa educada, a "criação de casa" é lembrada como formadora de um ser que saberá como se comportar em qualquer situação.

É importante notar que, em toda a análise das justificativas, a escola não aparece em nenhuma classe como um local onde se aprende o papel da disciplina, e nem é mencionado nada que caracterize a escola como um local que leva alunos, professores... a serem pessoas

mais obedientes, respeitadoras, organizadas, disciplinadas. Mesmo a coleta dos dados tendo sido realizada no ambiente escolar.

A representação de disciplina dos sujeitos parece revelar, prioritariamente, uma característica individual, como a representação de aluno ideal do grupo entrevistado. A disciplina não seria fruto da relação, do acordo, mas algo que já existe, ou não, a priori. A pessoa carregaria consigo a característica de disciplinada – como fruto da educação que o sujeito recebeu em casa. Essa característica pessoal o levaria a ser uma pessoa obediente, que cumpre regras, é organizada e respeitosa com seu semelhante.

Em nenhum momento a disciplina foi trazida como repressão ou ainda, como podadora da criatividade. Nem mesmo como autoritarismo. A teoria dos alunos desenha a disciplina como importante para um bom relacionamento entre as pessoas.

Essa forma de representar a disciplina responsabiliza cada sujeito por si só, a disciplina seria então uma característica de cada pessoa, fruto da boa e velha educação doméstica. Será que podemos então pensar que, na representação do grupo, cada pessoa por si só seria responsável pela sua indisciplina?

INDISCIPLINA

A discussão realizada anteriormente teve como proposta chegarmos a discutir a representação social de indisciplina do grupo, principal objetivo do trabalho. As propostas anteriores de tentar visualizar como o aluno representa um aluno e um professor ideal e ainda, o adolescente e disciplina, servirão de base para a discussão que tentaremos propor neste ponto do trabalho. É tentar entender como essas representações se relacionam com a representação de indisciplina e vice e versa.

A estrutura da representação de indisciplina dos alunos entrevistados pode ser visualizada abaixo

Figura 9: Freqüência e ordem média de evocação de palavras, a partir do termo indutor “indisciplina”. (N= 251)

		ORDEM MÉDIA DE EVOCAÇÃO	
		INFERIOR A 2,7	**SUPERIOR OU IGUAL A 2,7**

	ACIMA DE 11	81 – desrespeito 52 – bagunça 46 – falta de educação 36 – desobediência 31 – irresponsabilidade 26 – mau comportamento 16 – rebeldia 13 – desordem 13 – desorganização 12 – palavrões	19 – descumprir regras 11 – briga 10 – mentira
	IGUAL OU INFERIOR A 11	9 – punição 8 – vandalismo 7 – pixar 6 – roubar 4 – inconseqüência 4 – atraso 4 – chamar atenção 4 – descompromisso 4 – mau caráter 4 – não estuda	9 – revolta 9 – confusão 9 – falta de atenção 9 – falta de ética 8 – ignorância 7 – conversar 7 – nome 7 – desinteresse 6 – perturbador 6 – errado 5 – falta de regras

Tentando seqüenciar melhor a discussão, analisaremos os dados acima em comparação com os já relatados anteriormente.

Primeiramente, e como se poderia supor, a estrutura da representação de indisciplina parece ser o oposto da representação de disciplina. Enquanto a educação era primordial para a pessoa se tornar disciplinada e saber como se comportar, a falta de educação e o mau comportamento aparecem como termos consensuais no entendimento da indisciplina. O respeito, a organização, a obediência e o cumprimento de regras são substituídos pelo desrespeito, desorganização, desobediência e o descumprimento de regras no entendimento da indisciplina.

A oposição também se dá quando comparamos os dados acima com os trazidos na representação do aluno ideal. São destacados agora aspectos como falta de atenção, irresponsabilidade, desorganização, inconseqüência, opostos ao descritos no entendimento do aluno ideal.

A estrutura representacional de indisciplina possui alguns pontos de contato com a representação de adolescente, como por exemplo, a rebeldia e a irresponsabilidade.

É importante destacar que, neste nível de análise, não é trazido nenhum ponto positivo da indisciplina, como a possibilidade de mudanças ou seu caráter sintomático, por exemplo.

A análise das justificativas nos possibilitará um maior entendimento dessa representação, assim como, nos ajudará a visualizar outros possíveis pontos de ligação entre as representações anteriores.

As repostas dos sujeitos foram divididas em sete classes, a 1 em íntima relação com a 7, assim como a 3 com a 4 e a 2 com a 6, todas elas tento uma ligação entre si. Isolada aparece apenas a classe 5.

Figura 10: Dendrograma construído a partir das justificativas dos sujeitos, quando tiveram como palavra indutora "indisciplina"

```
Cl. 1 (  41uce) |----------------+  não ter respeito, nem
            13                   |-----------+ educação
Cl. 7 (  12uce) |----------------+           |
            14                                |-------------+
Cl. 3 (  21uce) |-----------+falta (respeito.|             |
            11              |----------------+             |
Cl. 4 (  17uce) |-----------+                               |
            15                                              |----+
Cl. 2 (  30uce) |------------+  descumprir regras e bagunça|    |
            12               |-----------------------------+    |
            16               |                                  |+
Cl. 6 (  13uce) |------------+   ser adolescente               |
Cl. 5 (  17uce) |-----------------------------------------------+
```

As quatro primeiras classes possuem uma relação muito próxima. Enquanto a 1 e a 7 uniu as justificativas que relacionam a indisciplina com não ter respeito e educação, as classes 3 e 4 relacionam indisciplina com a falta de alguns aspectos, inclusive respeito e educação.

1. Indisciplina é não ter **RESPEITO** (classe 1), nem **EDUCAÇÃO** (classe 7)

Não tratar os outros com respeito é o primeiro aspecto destacado pelo grupo como fomentador da indisciplina.

"uma pessoa indisciplinada não tem respeito com os outros."
"uma pessoa que não respeita ninguém, que infringe leis."
"porque a pessoa sendo indisciplinada não terá respeito com os outros."
"uma pessoa indisciplinada é uma pessoa mal educada, que não respeita as pessoas."

O fato de ser desrespeitoso parece ser fruto da ausência de educação.

"uma pessoa indisciplinada é uma pessoa mal educada, que não respeita as pessoas."
"indisciplina é você ser mal educado, não saber respeitar ninguém, sendo ruim para você mesmo e a sociedade."
"pois se uma criança for educada por indisciplina ela vai crescer com vários transtornos."

Além do desrespeito e má educação outros aspectos são destacados no grupo abaixo.

2. Indisciplina é a **FALTA** de ética, educação, respeito e obediência (classes 3 e 4)

Enquanto a classe acima destaca o não ter, esse grupo de respostas destaca a falta.

"é falta de educação, palavras de baixo escalão."
"quando há o desrespeito e a falta de ética, não há. disciplina e sim a indisciplina."
"falta de educação é um dos maiores fatores da indisciplina."
"hoje, na sala de aula o que mais falta é respeito com o professor, por conta da bagunça e desordem."
"desobediência caracteriza a indisciplina."
"o começo da indisciplina com certeza é a desobediência."
"só existe a indisciplina quando alguém é desobediente."

As respostas trazidas até esse momento trazem uma compreensão da indisciplina como não apresentar ou faltar respeito, educação, ética, entre outros. É uma concepção unilateral da indisciplina, da mesma forma que ocorreu quando se pensou na disciplina.

3. Indisciplina é **DESCUMPRIR REGRAS** (classe 2) e **BAGUNÇAR** (classe 6)

Quebrar com as normas vigentes é o próximo aspecto destacado pelos sujeitos

"é você não cumprir aquilo que esta sendo proposto, é tudo que foge a regra do que é disciplina."
"a indisciplina é decorrente do não cumprimento das regras, pois elas foram feitas para serem cumpridas e não quebradas."

"a rebeldia seria a coisa que mais bem define a indisciplina, porque uma vez que você se revolta, não cumpre uma regra, você está indisciplinado."

Descumprir as regras se materializa através da bagunça.

"todo aluno indisciplinado é muito bagunceiro."
"a bagunça atrapalha a vida das pessoas."
"o aluno indisciplinado é bagunceiro porque não gosta de estudar."

A falta das características citadas antes (educação, respeito, obediência) se concretiza em ações de descumprimento de regras e bagunça. É algo interior, que traz conseqüência exterior. Não é, por exemplo, a indisciplina que geraria o desrespeito, nem um processo de bilateralidade, mas são características formadas no indivíduo que faz dele um indisciplinado. E esse indisciplinado pode ser objetivado na figura do adolescente.

4. Indisciplina é **"SER ADOLESCENTE"**(classe 5)

A imagem do adolescente vem materializar os aspectos trazidos anteriormente.

"tem muito adolescente que não respeita o pai e mãe hoje em dia eles se soltam mais e seguem por caminhos errados, exemplo: tráfico de drogas, eu acho isso muito errado, porque um adolescente, normalmente, faz tudo errado."
"indisciplina hoje é o que mais existe no mundo, todos querem uma nova liberdade, uma liberdade inconseqüente e pouco consciente, basicamente uma vida adolescente."

A idéia de adolescente concretiza em um personagem a compreensão de indisciplina como desrespeito, falta de educação e de ética, desobediência, descumprir regras e bagunçar. Percebe-se, pelo dedrograma (fig. 4), que essa classe de respostas não tem proximidade com nenhuma outra classe especificamente, mas teria uma relação, em menor grau, com todas elas.

A indisciplina é tratada como uma característica de uma etapa do desenvolvimento: a adolescência. Sendo assim, também é social e, como a adolescência, socialmente naturalizada, parecendo independer do contexto e da relação social estabelecida.

É considerada como algo negativo que atrapalha as relações e a vida das pessoas, não tendo nada de bom em si. Como se esta não pudesse sinalizar uma relação de opressão ou uma possibilidade de mudança.

Outro ponto a ser ressaltado, é que as frases que se relacionam ao ambiente escolar, parecem apontar a indisciplina como algo que caracteriza apenas o aluno, jamais o professor.

A análise dos dados mostra que a formação, a educação de cada pessoa e as características que daí resultam, levariam o ser tornar-se indisciplinado, mas o desrespeito na relação, o autoritarismo, não geraria indisciplina. É como se a indisciplina provocasse uma relação desrespeitosa e sem ética e não o contrário. O enfoque é na pessoa e não na relação.

Essa representação perece vir ao encontro do raciocínio que os alunos demonstraram ao representar os outros termos, especialmente, aluno ideal e disciplina. Os sujeitos têm a visão de um homem individual, que mesmo tendo sido fruto também de uma educação familiar, ele age e pensa motivado por suas características pessoais e não por valores e regras de uma coletividade, ou seja, se alguém comete atos que podem ser considerados indisciplinados, ele, e unicamente ele, é o responsável por isso e não um contexto. Neste sentido, – peço licença para extrapolar um pouco os limites deste trabalho – o criminoso é o único responsável pelo crime, assim como o dependente pelo uso de alguma droga, o violento pela violência e assim por diante. Então o sistema, as relações desiguais, a má distribuição de renda, tudo isso, não tem tanta força, quanto as motivações individuais. É como se minha ação pudesse até gerar uma reação em você, mas não fosse uma reação a você, dizendo de outro modo, quando cometo uma indisciplina mereço uma punição, é uma conseqüência pelo meu ato, mas a minha indisciplina não se revela por você não me permitir expressar minha opinião de outra forma, por exemplo.

A representação do grupo parece se ancorar numa perspectiva de uma ordem preestabelecida pautada na construção de regras, na qual a indisciplina seria a quebra dessa ordem. Deste modo, objetiva-se a indisciplina em comportamentos como bagunça, palavrões, pichações e até, na figura do adolescente. As práticas provenientes dessa representação poderiam se dar pela punição, como forma de combater esse comportamento lamentável de alguém mal educado e desrespeitoso.

4.1.2 A Voz dos Professores

A partir desse momento, o trabalho será norteado pelas respostas dos professores, já na tentativa de se fazer uma primeira relação com as respostas dos alunos. Guiado por cada palavra indutora, seguiremos o mesmo percurso realizado com os alunos, ou seja, analisaremos os resultados da associação livre e das justificativas para cada uma das palavras. Com o objetivo de compreender a representação social de indisciplina escolar.

ALUNO IDEAL

Da mesma forma que ocorreu com os alunos, os professores foram convidados a escrever todas as palavras que lhes viessem à mente ao ler a expressão "aluno ideal". Várias palavras foram evocadas, umas mais freqüentes e outras menos, algumas nas primeiras posições outras nas últimas. O resultado é demonstrado na tabela 6.

Figura 11: Freqüência e ordem média de evocação de palavras, tendo o termo "aluno ideal" como palavra indutora. (N=30)

		ORDEM MÉDIA DE EVOCAÇÃO	
		INFERIOR A 3,6	**SUPERIOR OU IGUAL A 3,6**
FREQUÊNCIA	**ACIMA DE 4**	9 – estudioso ---------- 2,67 9 – questionador ---------- 2,67 9 – educado ----------3,11 7 – presta atenção ---------- 2,43 7 – participativo ---------- 2,43 7 – responsável ---------- 3,57 6 – interessado ---------- 1,17 5 – objetivo-aprender --------- 3,00	8 – respeitador ---------- 3,88 6 – curioso ---------- 3,67 6 – comprometido ---------- 4,00 5 – leitor ---------- 4,80
	IGUAL OU INFERIOR A 4	3 – disciplinado ---------- 1,67 3 – dedicado ---------- 3,33	4 – inteligente ---------- 3,75 4 – crítico ---------- 6,50 3 – assíduo ---------- 4,00 3 – humilde ---------- 4,33

As palavras mais consensuais e fundantes, que dariam o sentido da representação, podem ser vistas no primeiro quadrante. Essas palavras parecem revelar uma maior relação com características individuais, voltadas para o objetivo de aprender. Como na representação dos alunos, a idéia de um "aluno ideal" para os professores, está ligada mais aos aspectos cognitivos e a um comportamento "adequado". Apenas dois termos parecem estar ligados

mais claramente a aspectos relacionais, são eles: respeitador e disciplinado (se é que esses termos são vistos aqui como relacionais). Esses dois termos juntos transmitem uma idéia de obediência ou submissão, ou seja, as poucas palavras que evidenciam mais a relação social revelam um tom de subalternidade.

Como na representação dos alunos, os termos evocados pelos professores parecem se organizar em torno de três eixos: intelectual, comportamento "adequado" e relações sociais. Novamente, os dois primeiros possuem uma relevância maior, contudo, os professoram enfatizam o comportamento.

Com a análise das justificativas dos sujeitos para essa primeira expressão indutora, podemos verificar outros aspectos da representação de aluno ideal. Com o auxílio do software ALCESTE, os dados foram divididos em três classes de respostas, como se observa no dedrograma abaixo (fig. 6).

Figura 12: Dedrograma construído a partir das justificativas dos sujeitos, diante da expressão indutora "aluno ideal"

```
                          respeitador
Cl. 1 (  12uce) |-----------------------------------------------+
            10      melhora o trabalho do professor             +
Cl. 2 (  18uce) |-----------------------------------+            |
             9    estudioso e pensa no futuro      |------------+
Cl. 3 (  14uce) |-----------------------------------+
```

A primeira classe foi situada separada das outras duas, ou seja, existe uma relação maior entre as classes 2 e 3. A classe 1 parece estar mais relacionada a qualidades que o aluno traz consigo e favorece a relação com os professores e os outros alunos. Enquanto que as outras duas revelam comportamentos que ajudam na sua aprendizagem.

Cada classe traz peculiaridades que são importantes para uma compreensão mais abrangente da representação do grupo, por esse motivo, cada uma será analisada separadamente.

1. O Aluno Ideal é **RESPEITADOR** (classe 1)

O primeiro grupo de respostas destaca a importância do respeito na relação com o professor e com os outros alunos. Respeito como base da relação, como fruto do objetivo de aprender e por saber que não é o "dono da verdade".

"O respeito é um princípio básico e o aluno respeitador merece todo o apoio emocional e pedagógico."
"A dedicação ocasionará maior conhecimento, sobretudo para se ter consciência de que não é detentor da verdade, respeitando assim os demais alunos e professores."
"A disponibilidade para aprender, a consciência clara do objetivo que o faz estar na escola, o leva a desenvolver a dedicação, o respeito e a sociabilidade."

É como se o aluno ideal conhecesse o seu papel de aluno e, portanto, respeitasse a figura do professor. É interessante observar o tipo de relação que parece estar se configurando nas salas de aula, que leva os professores a destacarem a importância fundamental do respeito.

Temos visto nos noticiários casos de violência física de alunos contra seus professores. A dúvida que fica é se não passamos de um extremo ao outro, de uma ditadura a um mundo em que a figura do professor não tem mais qualquer valor e este precisa se armar de dotes pessoais para conquistar o respeito da turma.

O outro aspecto destacado na representação dos professores é o de como os alunos têm um papel ativo no trabalho do professor.

2. O aluno ideal **"MELHORA O TRABALHO DO PROFESOR"** (classe2)

Os professores revelam que a qualidade do seu trabalho depende da participação do aluno. A participação, os questionamentos são características de um aluno ideal.

"O aluno questionador esclarece as duvidas e incentiva o professor a buscar novos conhecimentos."
"O aluno interessado estimula o professor."
"questionador, por desafiar o professor a buscar novos caminhos, propostas que venham ajudar as aulas a se tornarem melhores."
"participativo, porque a partir dessa qualidade, o professor pode desenvolver outras habilidades e competências."

Mais claramente que os alunos, os professores destacam que o aluno ideal é responsável por um professor incentivado, estimulado, que busca novas propostas de aulas e adquire novas habilidades e competências.

3. O aluno ideal é um **ESTUDIOSO QUE PENSA NO SEU FUTURO** (classe 3)

O terceiro grupo de respostas se aproxima de forma mais clara da representação dos alunos. Ele destaca a responsabilidade individual que cada aluno possui na sua aprendizagem e na construção do seu futuro.

"um aluno que lê amplia seus conhecimentos, modifica para melhor sua visão de mundo."
"O aluno ideal é aquele que está na escola em busca de uma formação para o seu futuro."
"O aluno ideal tem que ter compromisso com o seu futuro, ser consciente de suas limitações e ser aplicado para transformar as suas pequenas derrotas em uma grande vitória."
"O aluno ideal é aquele que é responsável em seus deveres e tem participação direta nos questionamentos referentes aos assuntos explanados."
"normalmente quando o aluno é estudioso, também apresenta uma serie de qualidades esperadas de um bom estudante."

Qualidades como: o hábito da leitura, a responsabilidade com seus deveres e estudar, além de pensar no seu futuro, são outros aspectos destacados na representação de aluno ideal.

A teoria construída pelo grupo de professores entrevistados parece contemplar a imagem de aluno ideal ligada a aspectos mais comportamentais e menos a uma visão "conteudista". A aprendizagem dos conteúdos escolares e o bom aproveitamento nas avaliações foram minimizados frente à importância da participação em sala, da responsabilidade com as atividades, da leitura e do respeito.

Tanto professores como alunos enfatizaram características individuais como estudioso, responsável, entre outras, contudo, na representação dos alunos estes aspectos seriam o caminho para um bom aproveitamento nas avaliações, desta forma, o bom rendimento escolar seria equivalente às boas notas. Já na representação dos professores um rendimento escolar satisfatório parece não ser necessariamente revelado pelos resultados das provas, mas por um comportamento que revele respeito e uma vontade de aprender em função do futuro.

A representação dos professores parece revelar concepções mais construtivistas, nas quais o foco não é o conteúdo, nem o resultado em si, mas o processo e a formação de um ser pensante. O interesse e a participação ganham destaque e parece que o resultado das provas não é o mais importante.

Os professores parecem conceber a aprendizagem de uma forma mais abrangente, contudo os alunos parecem focar mais o conteúdo curricular.

Mesmo os professores representando a aprendizagem nos moldes mais construtivistas, seria necessária uma nova pesquisa, na tentativa de investigar se essas teorias já contaminam de forma efetiva as práticas desses professores, especialmente quando se refere ao ensino médio, pois é cobrado desses docentes uma quantidade absurda de conteúdo programático, na tentativa de abranger todas as exigências do vestibular.

É importante destacar, dentro do objetivo deste trabalho, que o respeito foi ressaltado quando se pensou num aluno ideal. Diante de tantos aspectos possíveis os professores evidenciam a necessidade de respeito.

PROFESSOR IDEAL

A estrutura da representação de "professor ideal" construída a partir das respostas dos sujeitos ao questionário de associação livre pode ser visualizada abaixo.

Figura 13: Freqüência e ordem média de evocação de palavras, tendo o termo "professor ideal" como palavra indutora. (N=30)

FREQUÊNCIA		ORDEM MÉDIA DE EVOCAÇÃO	
		INFERIOR A 3,8	**SUPERIOR OU IGUAL A 3,8**
	ACIMA DE 4	7 – estudioso ---------- 2.86 7 – atualizado ---------- 3.14 5 – responsável ----------1.80 5 – paciente ---------- 3.20	5 – respeitador ---------- 4,60
	IGUAL OU INFERIOR A 4	4 – comprometido ---------- 2.50 4 – criativo ---------- 2.75 3 – dinâmico ---------- 2,67 3 – questionador ---------- 3.67	4 – amigo ---------- 4.25 4 – humilde ---------- 4.25 4 – atencioso ---------- 5.25 3 – inovador ---------- 4.00 3 – inteligente ---------- 4.33 3 – domínio do conteúdo -------- 4.67

Ao escrever de maneira menos reflexiva os termos ligados à idéia de um suposto professor ideal, os sujeitos destacaram mais frequentemente palavras que sugerem certa

competência profissional e acadêmica, como por exemplo, estudioso, atualizado, responsável, comprometido, criativo, dinâmico, entre outras. Numa freqüência menor os professores destacaram algumas palavras que indicam uma valorização da relação social, como por exemplo: paciente, respeitador, amigo e atencioso.

A estrutura representacional do grupo parece se firmar numa concepção mais profissional do papel de professor, no sentido deste como alguém que se prepara para o trabalho e exerce sua profissão com responsabilidade, criatividade e comprometimento.

A partir das justificativas dos sujeitos a essas palavras, podemos visualizar outros pontos de análise. Foi possível agrupar as respostas dos sujeitos em duas classes, como demonstrado na fig. 7. A primeira classe contempla as respostas mais ligadas a uma visão mais abrangente do papel do professor, este se preocupa com o aluno num âmbito maior que a escola. Já a segunda classe parece envolver, primordialmente, aspectos da aprendizagem escolar.

Figura 14: Dendrograma construído a partir das justificativas dos sujeitos, quando tiveram como palavra indutora "professor ideal"

```
                    Educa para a vida e boa relação com os alunos
Cl. 1 (  10uce) |-------------------------------------------------+
            13      preocupado com a aprendizagem do aluno        +
Cl. 2 (  38uce) |-------------------------------------------------+
```

1. Um professor ideal EDUCA PARA A VIDA e MANTEM UMA BOA RELAÇÃO COM OS ALUNOS (classe 1)

As respostas dos professores destacam uma preocupação em formar cidadãos, formar vidas, nessa tentativa, cada professor precisa se armar de amor, conhecimento, criatividade, atualização, dedicação, humildade, determinação, motivação, além de construir com seu aluno uma relação de confiança, companheirismo e credibilidade.

"educador, pois como formador de vidas, ele desenvolverá o amor, o conhecimento e as demais qualidades necessárias."

"A responsabilidade de formar cidadãos requer de um professor ser criativo, atual, dedicado, pontual e humilde, para perceber que apenas oito qualidades não determinarão que ele venha a ser um professor ideal."

"quanto maior for o conhecimento e reciclagem, mais será a atuação do mesmo junto aos seus discípulos, com confiança e credibilidade."
"determinação, motivação e companheirismo são qualidades que fortalecem a relação aluno e mestre, pois é importante que o aluno acima de tudo confie no professor."

Essa primeira classe se aproxima enormemente da representação de professor ideal construída pelos alunos, que destaca a relação professor-aluno, sem perder de vista o profissionalismo.

2. Um professor ideal SE PREOCUPA COM A APRENDIZAGEM DO SEU ALUNO

Essa segunda classe de respostas possui uma grande semelhança com a primeira, especialmente no que diz respeito à relação profesor-aluno, porém, enquanto se destacou anteriormente uma preocupação mais abrangente com a formação do aluno, nesse grupo de respostas destacam-se várias características de um professor ideal, contudo, a ênfase se coloca na aprendizagem dos conteúdos escolares.

"audacioso, porque o professor precisa esta aberto às mudanças, para que haja crescimento pedagógico e crescimento no relacionamento com os alunos."
"O professor tem que ser seguro ao transmitir os conteúdos aos alunos."
"A partir da autocrítica, o professor pode rever sua postura diante da sala e tomar a melhor atitude quanto a sua didática, a aprendizagem e a relação entre ele e os alunos."
"O professor deve ser comprometido com o processo de aprendizagem e para tanto, deve estar bem preparado e acima de tudo ser bem paciente para conviver com os conflitos que a adolescência tem."
"mesmo compreendendo as dificuldades do seu aluno, não pode dispensar os conteúdos em favor de uma pedagogia."

A preocupação com os conteúdos curriculares faz parte da representação dos professores, contudo, também se destaca a importância da relação com o aluno.

Tanto a representação dos professores, quanto a dos alunos sobre professor ideal, é perpassada por uma preocupação com a formação do aluno para a vida, uma relação de companheirismo entre professor e aluno e a idéia de profissionalismo que o professor precisa demonstrar.

Essa teoria parece se ancorar numa concepção mais afetiva do papel do professor, além de uma concepção mais generalista da função docente. Com a evolução das teorias sócio-construtivistas, a representação dos professores parece estar contaminada pelos ideais dessas teorias, nos quais a relação social ganha destaque e o processo de aprendizagem é maximizado frente ao produto.

ADOLESCENTE

As respostas dos professores ao questionário de associação livre, quando tiveram como estímulo a palavra "adolescente", podem ser visualizadas na tabela abaixo.

Tabela 15: Freqüência e ordem média de evocação de palavras, tendo o termo "adolescente" como palavra indutora. (N=30)

FREQUÊNCIA		ORDEM MÉDIA DE EVOCAÇÃO	
		INFERIOR A 3,5	**SUPERIOR OU IGUAL A 3,5**
	ACIMA OU IGUAL A 4	5 – inseguro ---------- 2.20 4 – mudanças ---------- 2.75	4 – irresponsável ---------- 3.50
	INFERIOR A 4	3 – questionador ---------- 1.33 3 – fase ---------- 3.00 3 – rebelde ---------- 3.00 3 – orientação ---------- 3.00 3 – descoberta ---------- 3.33 2 – imediatista ---------- 1.00 2 – sonhos ---------- 1.50 2 – inconstante ---------- 2.00 2 – interessado ---------- 2.00 2 – sem limites ---------- 2.00 2 – livre ---------- 2.50 2 – irreverente ---------- 3.00 2 – respeitador ---------- 3.00 2 – sem compromisso --------- 3.00	3 – alegre ---------- 3.67 3 – família ---------- 5.67 2 – carente ---------- 3.50 2 – amizade ---------- 4.00 2 – energia ---------- 4.00 2 – dúvidas ---------- 4.50 2 – agitado ---------- 5.00 2 – decidido ---------- 5.00

Diversos aspectos podem ser vistos na estrutura representacional de "adolescente". As palavras mais centrais indicam um momento de mudanças, no qual prevalece a insegurança e a irresponsabilidade. Termos como rebelde, imediatista, inconstante e sem compromisso,

destacam um lado "negativo" da adolescência, enquanto outros, por exemplo: sonhos, livre, respeitador, alegria, decidido, parecem revelar uma consideração mais "positiva" a respeito do que seria o adolescente.

Tantas palavras, e muitas vezes sem uma relação aparente, tanto nas respostas dos professores, como na dos alunos, me levam a perceber uma representação difícil de circunscrever, cheia de idéias paradoxais. Como se, pensar o adolescente fosse ter na cabeça infinitas possibilidades. Contudo, a título deste trabalho, gostaria de destacar palavras como rebelde e irreverente, que aparecem na estrutura representacional dos dois grupos.

Com a análise das justificativas podemos visualizar outras compreensões da representação social do grupo em questão.

Como se pode observar na figura abaixo (fig. 8), as justificativas foram divididas em três classes, duas mais relacionadas (classe 1 e 3) que tratam da adolescência como uma fase, sendo o adolescente de hoje diferente do de tempos atrás. Já a classe 2 descreve características do adolescente.

Figura 16: Dendrograma construído a partir das justificativas dos sujeitos, quando tiveram como palavra indutora "adolescente".

```
                        Uma fase
Cl. 1 (  10uce) |----------------------------------+
             6       de hoje                        |-------------+
Cl. 3 (  16uce) |----------------------------------+              |
             7    carente, irreverente e sem limites              +
Cl. 2 (  10uce) |-------------------------------------------------+
```

1. Adolescência é UMA FASE (difícil, inquieta e à procura de uma afirmação)

O primeiro grupo de respostas trata o adolescente como passando por uma fase, entretanto, não é uma fase qualquer. É uma fase caracterizada pela dificuldade, inquietação, complicada, na qual se busca certa notoriedade.

"como-se trata de uma passagem de fase da infância para a fase adulta, o adolescente lembra muita energia, inquietação."

"O adolescente é sempre complicado, pois estar em uma fase difícil da vida. Estar descobrindo o mundo, a realidade, mas ainda esta sonhando."

"pois ele busca uma afirmação, uma notoriedade presente diante da mutação inerente ao seu ser, ao seu todo."

Contudo, essa fase se configura de forma diferente, nas diferentes épocas, como podemos perceber, na próxima classe.

2. O adolescente DE HOJE é...

Sem perspectiva do futuro, perdidos diante de tanta informação, além de desrespeitosos. Só com obediência eles se livrarão do precipício.

"a meu ver, o maior problema que enfrentamos hoje com os adolescentes é a falta de perspectiva de futuro dos mesmos."
"estão recebendo muitas informações de qualquer forma. Os adolescentes ficam meio perdidos diante de algumas informações."
"percebemos na atualidade que há um desrespeito muito grande dos adolescentes com seus pais e professores."
"A obediência no adolescente é imprescindível, pois assim ele estará se livrando de ser participante de muitos caminhos que poderão levá-lo ao precipício."

As duas primeiras classes representam a adolescência como uma fase caracterizada primordialmente de aspectos "negativos". E se esta fase está sendo entendida como natural ("mutação inerente ao seu ser"), como sendo um momento que todas as pessoas passam, passaram ou passarão, então não há muito o que fazer, o que resta é esperar toda essa problemática passar. E no caso dos professores do ensino médio, eles precisarão conviver com o desrespeito, imediatismo, falta de perspectiva do futuro, inquietação... até que se aposentem.

Mas o adolescente também ganha outras características na representação dos professores.

3. CARENTE, IRREVERENTE E SEM LIMITES

Neste grupo de respostas duas características se relacionam de forma mais direta com o objeto deste trabalho, os adolescentes são vistos como irreverentes e sem limites.

"creio que pelas circunstancias socioeconômicas, pela desintegração da família e pela falta de políticas públicas adequadas, é que carente é a principal característica do adolescente de hoje."
"A falta de limites de muitos jovens prejudica o trabalho do professor."
"A irreverência é característica primordial na vida do adolescente."

A representação social dos professores compreende a adolescência como uma fase, um momento difícil na vida do jovem. A grande maioria dos aspectos trazidos pelos professores em suas justificas revela uma visão negativista da adolescência (difícil, inquieta, à procura de uma afirmação, sem perspectiva do futuro, perdidos diante de tanta informação, além de desrespeitosos, carentes, irreverentes e sem limites). Enquanto que na associação livre ainda apareceram algumas palavras como alegria, livre, amizade, interessado, essas características foram esquecidas nesse momento mais reflexivo.

A diferença entre os aspectos ressaltados pelos professores é visivelmente diferente daqueles que os próprios adolescentes destacaram. Os alunos trouxerem a relação entre a liberdade e o vínculo familiar, as brincadeiras e a diversão com responsabilidade e ainda, as descobertas, as escolhas e a preocupação com o futuro.

Se na representação dos alunos os pontos de contato entre adolescente e aluno ideal pareciam quase inexistentes, na dos professores aluno ideal e adolescente não possuem relação alguma, e parecendo em parte concepções opostas. Enquanto que o aluno ideal é respeitador, pensa no futuro, melhora o trabalho do professor, comprometido, interessado, educado, disciplinado; o adolescente desrespeita, não se preocupa com o futuro, atrapalha o trabalho do professor, além de irreverente e sem limites. Contudo, a questão é que os alunos desses professores de ensino médio são adolescentes. Então me pergunto: como esses alunos poderão ser como aqueles idealizados pelos professores?

A teoria dos professores sobre adolescente, parece se ancorar numa visão mais naturalista, ou seja, a fase da adolescência como fazendo parte da natureza humana, além de demonstrar uma certa tentativa de patologizar esse momento da vida.

DISCIPLINA

Da mesma forma que os alunos, os professores foram convidados a escrever todos os termos que lhes viessem à mente quando pensassem na palavra disciplina. A tabela abaixo (tab. 9) demonstra como se configurou a estrutura dessa representação.

Figura 17: Freqüência e ordem média de evocação de palavras, tendo o termo "disciplina" como palavra indutora. (N=30)

FREQUÊNCIA		ORDEM MÉDIA DE EVOCAÇÃO	
		INFERIOR A 3,5	**SUPERIOR OU IGUAL A 3,5**
	ACIMA OU IGUAL A 4	12 – respeito ---------- 1.92 4 – necessária ---------- 1.25 4 – fundamental ---------- 2.25 4 – ordem ---------- 2.50	4 – atenção ---------- 3.25
	INFERIOR A 4	3 – obediência às normas ----- 1.67 3 – educação ---------- 2.00 3 – limite ---------- 2,67 2 – indispensável ---------- 2.00 2 – interesse ---------- 2.00 2 – participação ---------- 2.50 2 – amizade ---------- 3.00 2 – organização ---------- 3.00	3 – autoridade ---------- 3.67 3 – responsabilidade ---------- 3.67 2 – cooperação ---------- 3.50 2 – solidariedade ---------- 3.50 2 – dialogo ---------- 4.50 2 – segurança ---------- 4.50 2 – amor ---------- 5.00

No centro da representação do grupo, a disciplina parece se configurar como respeito, sendo ainda considerada, necessária e fundamental, essa idéia de algo imprescindível é fortalecida com o acréscimo da palavra "indispensável". Essa visão de ordem parece ser a base da representação de disciplina tanto de alunos, quanto de professores. Porém, de forma mais periférica, os professores demonstram uma idéia de bilateralidade que os alunos não demonstraram na associação livre. Através de palavras como: amizade e diálogo, os professores parecem representar a disciplina como uma espécie de acordo, porém não com tanta ênfase, já que essas palavras só vieram aparecer numa região mais periférica.

Através das justificativas podemos entender um pouco mais como essas idéias se relacionam.

As respostas dos sujeitos foram divididas em duas classes, cada uma explicando de forma mais clara o que os professores já haviam citado na associação livre. As justificativas dos sujeitos se concentraram nas palavras que apareceram na região central da representação.

Figura 18: Dendrograma construído a partir das justificativas dos sujeitos, quando tiveram como palavra indutora "disciplina"

```
                          respeito
Cl. 1 (  14uce) |-----------------------------------------------+
             6          fundamentl e necessária                 |+
Cl. 2 (  16uce) |-----------------------------------------------+
```

A primeira classe relaciona a disciplina com o respeito, elemento que os professores já vêm destacando desde a primeira associação livre, com a expressão indutora "aluno ideal". A segunda classe também reflete um elemento central da representação dos professores, a necessidade básica da disciplina.

1. Disciplina é RESPEITO

"O respeito ao outro é fundamental num ambiente que prima pela disciplina."
"A disciplina em sala é uma demonstração de respeito ao professor e ao aluno."
"sem respeito não há disciplina."

Os professores entendem que o respeito é essencial à disciplina. Pelas frases dos sujeitos não dar para perceber se esse respeito está se referindo a uma postura que só o aluno deva apresentar. Parece-me que a idéia é de um respeito de todos, alunos, professores.

2. A disciplina é FUNDAMENTAL

Nesse conjunto de respostas a disciplina é entendida como uma condição para se obter bons resultados, porém em nenhum momento parece ser vista como uma conseqüência de um bom trabalho.

"É melhor a descoberta do perfil do aluno, nessa condição, do que a tarefa de trabalhar o desafio da transformação. quando o aluno já tem esse princípio definido, tudo torna-se mais fácil."
"é fundamental em qualquer fase da vida, em qualquer relacionamento. É importante no individual ou no coletivo."
"sem a disciplina não dá para desenvolver um bom trabalho."

"A disciplina é fundamental para um bom relacionamento aluno-professor, aluno-aluno; visto que contribui para o aumento da aprendizagem."

Como na representação dos alunos, os professores representam a disciplina como algo que a pessoa traz ou não consigo ao chegar à escola. Nesse sentido, a disciplina é fundamental para um bom trabalho e pode ser vista através do respeito.

A disciplina é objetivada no comportamento que revele respeito e parece se ancorar na mesma ideologia individualista que os alunos trouxeram na sua representação de disciplina, ou seja, não é a relação que é ou não disciplinada, acordada, mas é a pessoa que por ser disciplinada trata as outras com respeito. É como se o contexto não interferisse, já que a pessoa é ou não disciplinada.

Os alunos nas suas repostas identificam a educação doméstica como a geradora de uma pessoa disciplinada, enquanto que os professores não se ativeram a esse aspecto, não apontando em suas justificativas, as possíveis causas que levariam um indivíduo a ser disciplinado.

INDISCIPLINA

A discussão anteriormente traçada nos traz até este ponto, que trata do objetivo geral do trabalho, que é compreender a representação social de indisciplina de alunos e professores. Tentaremos, nesta parte do trabalho, visualizar como o grupo de professores investigados representa a indisciplina escolar, relacionar esses dados com as representações trazidas até então e finalizar este primeiro momento de análise mais quantitativa, relacionando a representação social de indisciplina dos dois grupos, identificando os pontos de aproximação e distanciamento.

Os elementos mais centrais, que segundo Abric dão o sentido da representação, e aqueles mais periféricos estão esquematizados na tabela abaixo (tab. 10)

Figura 19: Freqüência e ordem média de evocação de palavras, tendo o termo "disciplina" como palavra indutora. (N=30)

F		ORDEM MÉDIA DE EVOCAÇÃO	
		INFERIOR A 3,5	**SUPERIOR OU IGUAL A 3,5**

	ACIMA OU IGUAL A 4	11 – desrespeito ---------- 2.28 8 – desordem ---------- 2.25 4 – comport. inadequado ------ 1.50 4 – caos ---------- 1.75	5 – falta de educação ---------- 3.60
	INFERIOR A 4	3 – falta de compromisso ----- 2.67 2 – inversão de valores -------- 2.00 2 – problema ---------- 2.00 2 – brigas ---------- 2.50	3 – sem limite ---------- 4.33 2 – desinteresse ---------- 3.00 2 - irresponsabilidade ---------- 3.00 2 – intolerância ---------- 3.50 2 – bagunça ---------- 4.50

Todas as palavras trazidas pelos professores caracterizam a indisciplina como algo "negativo". No centro da representação, ou seja, os elementos mais significativos trazem a idéia de indisciplina como uma desordem, um caos, que pode ser demonstrada pelo desrespeito e por comportamentos inadequados. Além desses aspectos, o grupo ainda relaciona indisciplina com a falta de educação, compromisso e limites, brigas e bagunça, irresponsabilidade e inversão de valores. Mas um termo lembrado por dois sujeitos parecem destacar um outro aspecto da indisciplina, que seria a intolerância. Através das justificativas tentaremos analisar se algum sujeito compreende a indisciplina como fruto de uma relação de intolerância.

Contudo a impressão que os dados transmitem é de que a indisciplina, como a disciplina é prioritariamente uma característica pessoal.

Ao destrinchar as justificativas dos sujeitos, o software dividiu quatro classes de respostas. A classe 1 se separa das outras três e explica a indisciplina por diversas causas como o preconceito, a falta de comprometimento social, esta falta sendo o fruto de uma nova sociedade. Tendo efeitos que podem ser ruins (sentimento de abandono e tristeza) ou podem trazer bons resultados. A segunda e terceira classe, que serão analisadas juntas tendo em vista a proximidade, identificam a indisciplina como falta de respeito e fruto de influências da família e amigos. A classe 4, que possui uma relação mais próxima com as duas últimas, se refere ao desrespeito na escola.

Figura 20: Dendrograma construído a partir das justificativas dos sujeitos, quando tiveram como palavra indutora "indisciplina".

```
                    Diferentes causas e conseqüências
Cl. 1 (  12uce) |-----------------------------------------------+
Cl. 2 (  10uce) |-----------------+                             |
             9                    |Desrespeito e falta de educação+
             7                    |------------------+          |
Cl. 3 (  10uce) |-----------------+                  |          |
```

```
              8       Desrespeito na escola           |-----------+
 Cl. 4 (  20uce) |-------------------------------------+
```

1. A indisciplina possui DIFERENTES CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS

Esse primeiro conjunto de respostas traz aspectos diferentes dos outros que apareceram até aqui. Causas diferenciadas como a falta de entendimento do outro, o preconceito e a falta de envolvimento social. E conseqüências relativas, que dependendo de como for realizada pode gerar, abandono, tristeza ou bons resultados.

"indisciplina é não entender as pessoas. Prejulgo, entendo do meu jeito."
"inversão de valores, falta de compromisso, irresponsabilidade e desequilíbrio, tudo isso é fruto de uma nova sociedade, onde as pessoas não querem se comprometer, não querem se envolver, não querem mais trabalho do que já tem,"
"A indisciplina gera em qualquer pessoa o sentimento de abandono e tristeza, feita com sabedoria traz bons resultados."

As repostas alocadas nesta primeira classe diminuem, até certo ponto, a responsabilidade unicamente pessoal, fruto de uma má formação, e enfatizam outros pontos, como a falta de envolvimento e o prejulgamento e, pela primeira vez no trabalho, aparece referência a um lado positivo da indisciplina, que é a possibilidade desta trazer bons resultados.

2. Indisciplina é DESRESPEITO E FALTA DE EDUCAÇÃO FAMILIAR (classes 2 e 3)

As respostas dessas classes têm muita proximidade com resultados anteriores, quando os alunos justificaram suas respostas, o desrespeito e a educação familiar foram destacados.

"sem educação da família e sem respeito, não há disciplina."
"O entendimento e o respeito às regras são necessárias não somente na escola, mas na vida inteira. O adolescente tem poucas dificuldades de compreendê-las e respeitá-las."
"mais uma vez, a família, em primeiro lugar, e a escola devem trabalhar essa questão."
"desrespeito. Atualmente esse é o principal fator da indisciplina, não apenas na escola, mas também em outros grupos."

"família, amizade e sem-limites são características que influenciam muito para um aluno ser indisciplinado."

Novamente a tônica é a indisciplina como uma característica pessoal do aluno e não do professor, que surge de uma educação familiar de má qualidade, ou da falta dessa educação e ainda, por influência de amigos e a principal forma de expressão dessa indisciplina parece ser o desrespeito.

3. A indisciplina é um DESRESPEITO AO PROFESSOR E AOS PRÓPRIOS ALUNOS. (classe 4)

Desrespeito que está presente nas salas de aula.

"A indisciplina em sala de aula é uma demonstração de desrespeito ao professor e aos alunos."
"deve ser tratada como grande meta em transformar este comportamento inadequado em boa postura na sala de aula. nenhum professor aceita, é lógico e evidente."
"sem respeito ao outro, aluno ou professor, a indisciplina é a tônica do comportamento em sala de aula."

A última classe se foca sobre a escola, mais precisamente a sala de aula, e compreende a indisciplina como um comportamento inadequado, aparentemente apenas do aluno, e se caracteriza principalmente pelo desrespeito.

A primeira classe se torna uma pequena ilha diante do continente de respostas que representam a indisciplina como desrespeito, seja na sala de aula ou na vida. E esse desrespeito é fruto da influência da família e dos amigos.

A representação social de indisciplina de alunos e professores a configura como um comportamento inadequado, uma revolta desnecessária, que na visão deles é, prioritariamente, o desrespeito. Os alunos também trazem outros aspectos como: a bagunça, o descumprimento de regras, entre outros. Nesse sentido, a disciplina seria o melhor caminho para que todos saibam como se comportar, parece ser uma visão positivista de ordem que gera progresso.

A indisciplina é objetivada por comportamentos como o desrespeito. Os alunos, que foram questionados em maior número, revelam outros aspectos de objetivação como a bagunça, a pichação, ou ainda, por uma pessoa, como o adolescente.

Essa representação não associa aspectos positivos à indisciplina. Portanto, deve-se extingui - lá através de práticas corretivas ou punitivas.

Esse primeiro momento de análise, construído a partir da produção dos 281 sujeitos, buscou identificar a estrutura da representação social do grupo e analisar como as crenças, representações, avaliações e normas sociais produzem as características de uma determinada sociedade ou de um grupo. Dizendo de outro modo, foi investigado o que há de comum nas representações sociais dos diferentes sujeitos acerca de determinado objeto social.

A análise a partir de agora será guiada pelas respostas de cada sujeito separadamente, na tentativa de visualizar a maneira como cada indivíduo organiza suas experiências com o meio e como as diferentes posições que os sujeitos ocupam na sociedade interferem nos processos intra e inter-individuais. Portanto, o que se busca neste ponto da análise é identificar as diferenças individuais dentro de um campo representacional na relação dos sujeitos com determinado objeto e considerar em que estão ancoradas essas variações individuais.

Inicialmente, observei que quando se pedia aos alunos que colocassem os termos que lhes viam a mente ao ler "professor ideal", muitos colocaram nomes de professores. Foi assim que observei os questionários dos alunos das escolas públicas e separei alguns nomes desses professores ideais que eles haviam mencionado. Ao voltar ao colégio em busca de algum desses professores encontrei meu primeiro sujeito.

Sujeito 1: Professora de escola pública, 25 anos, professora de Língua portuguesa e espanhola. Durante a entrevista disse amar a profissão, ter os alunos como seus amigos e entende a indisciplina como uma forma de diálogo.

Pedi para que ela indicasse um aluno que considerasse ideal para a entrevista, cheguei então ao segundo sujeito.

Sujeito 2: Aluno de escola pública, 17 anos, 1º ano do ensino médio. Durante a entrevista se mostrou expansivo, respondendo com muita fluência às perguntas. Para ele a indisciplina é fruto de uma má educação.

Da mesma forma fiz na escola particular. Deste modo cheguei aos outros dois sujeitos.

Sujeito 3: Professora de escola particular, 31 anos, professora de História. Para ela indisciplina é o conjunto de atitudes que vem a partir do não reconhecimento do seu papel no processo educacional por parte do professor e aluno.

Com a indicação de um aluno ideal pela professora, cheguei ao último sujeito.

Sujeito 4: Aluno de escola particular, 16 anos, 2º ano do ensino médio. Durante a entrevista se mostrou tímido, respondendo sucintamente as perguntas. Ele define indisciplina como não ser comportado.

4.2 Entrevistas

Os quatro sujeitos trouxeram diferentes informações que podem enriquecer nosso entendimento do fenômeno das representações sociais. Alguns sujeitos se aproximam de forma mais clara da representação social do grupo, outros se posicionam contrários a alguns pontos destacados pelo grupo, mas de alguma forma compartilhando pontos em comum. Vejamos cada um deles.

Sujeito 1 – Indisciplina: uma forma de dialogar.

A professora de língua portuguesa e espanhola da escola pública trouxe em seu discurso uma visão de indisciplina que destoou de certa forma, da representação social construída pelo grupo.

Vista como uma forma de interagir, a indisciplina para ela é um diálogo. Por não conseguir de outra forma o aluno elegeria a indisciplina para dialogar.

"... é uma forma de dialogar, a indisciplina é um diálogo entre o aluno e o conhecimento. Eu posso ter indisciplina até com alunos que me querem, que têm um carinho por mim, mas ele não sabe falar de outra forma, ele não sabe reivindicar de outra forma, e ele vai por esse caminho. A atenção que ele quer, ele quer atingir por aí..."

Mesmo exemplificando pelo comportamento do aluno ("ele (o aluno) não sabe reivindicar de outra forma"), a interpretação dada pela professora ao que se convém chamar de indisciplina, desmarginaliza de alguma forma essa prática e ressalta um papel sintomático da mesma.

Além de conceber a indisciplina como um diálogo, a professora também a entende como um não diálogo, ou como um não querer dialogar através das atividades que ela passa em sala de aula.

"A segunda causa, ou tipo de indisciplina pra mim, seria não cumprir com as atividades, não porque é um dever, tarefa, mandar fazer essa tarefa, mas porque eu preciso ter essa resposta. Se ele não fala, se ele não faz, se ele não dialoga comigo, como é que eu vou saber?"

Enquanto a maioria dos professores concebe a indisciplina como desrespeito e falta de educação, a professora entrevistada sinaliza para uma forma de interagir pelos comportamentos considerados indisciplinados. Nesta perspectiva a indisciplina teria uma importância, pois indica que o aluno quer se envolver, quer participar.

Outro aspecto destacado pela professora é o de se considerar indisciplina o fato do aluno não querer interagir através de suas atividades, pois ela precisa desse diálogo.

Pensando indisciplina por esse ângulo, ela acrescenta que o esgotamento do dia-a-dia pode levar a uma falta de paciência, paciência de entender os alunos. Na opinião da professora essa é a causa da indisciplina em sua aula.

"... Mas quando essa bagunça volta outra vez, essa indisciplina volta outra vez, é porque eu já estou sem paciência. Eu acho que, na minha experiência, o que causa indisciplina nas minhas aulas, é quando eu não tenho paciência de entendê-los. Quando eu não os entendo... eu não estou nem me entendendo, eu estou tão cansada, eu estou tão esgotada, eu quero que eles prestem atenção, ou seja, que eles fiquem lá adestrados e blá, blá, blá... se você não se atura naquele momento, você vai aturar os demais?"

Ao pensar sobre as causas da indisciplina a professora se inclui nesse processo, elegendo como propulsora da indisciplina a falta de paciência em entender os alunos. Neste momento fica ainda mais claro que ela enfatiza a relação. A indisciplina nesse entendimento não surge espontaneamente do aluno por ele <u>ser</u> indisciplinado, mas é fruto de uma inter-ação da professora e dos alunos.

Para a professora sua profissão carrega consigo a função de entender o aluno. É uma escolha, e o profissional precisa se sentir responsável por ela

"... eu acho bom, ele estar no papel dele de adolescente de extravasar, e eu estou no meu de entendê-los. Eu não quis essa profissão... Reunião de professores: - 'ah! Eu não sou obrigada a ser mãe de aluno, a ser psicóloga de aluno, aluno é isso aquilo outro' – Você não aceitou trabalhar com seres humanos?... Às vezes eu me amargo em determinadas salas de

professores, que eu tenho vontade de dizer – cara, a culpa é tua. Como é que tu reages dessa forma?"

A visão que se tem de indisciplina está relacionada com outros conceitos, ou seja, o entendimento da indisciplina é perpassado pela compreensão de professor, aluno, família, escola, adolescente, entre outros.

Dentro da perspectiva que a professora vem trazendo o que se espera de um professor é:

"Compromisso, respeito, amor pelo que faz e, sobretudo, que ele saiba a verdadeira importância da palavra educação."

A professora ressalta características pessoais como pré-requisitos do que se espera de um profissional. Conteúdo acadêmico, por exemplo, não é destacado. Já que a professora destaca a relação entre professor e aluno, o respeito, o compromisso, o gostar do que faz são os aspectos relevantes na opinião dela.

Do aluno então, espera-se que ele interaja. A professora concorda com o grupo quando evidencia a participação, mas discorda da escolha da palavra "atenção" para definir um aluno ideal.

"... necessariamente eu não espero que o aluno aprenda. Eu tenho que permitir isso, por isso, a única coisa que espero do aluno é que ele interaja, que ele me veja, que eu o veja e que a partir disso, a gente tenha uma amizade."

"Participativo eu acho como importante. Prestar atenção eu não vejo como importante. Por que prestar atenção? Veja... O professor às vezes acha que o menino prestar atenção é como uma hipnose... A questão de prestar atenção é muito vazia, porque o olhar não me diz nada... Eu não posso, eu não tenho mecanismos de medir que o silêncio, que o olhar, ali tem aprendizado. – estou prestando atenção professora – um ator. Agora a interação, o aluno participativo é o aluno que vai receber o que eu falo."

A representação trazida até então de indisciplina passa por uma concepção bastante interacional de aprendizagem, de conhecimento, de escola. A idéia que prevalece é a da importância da interação social.

"... a melhor forma da relação professor-aluno é vendo o aluno como um ser social, como um ser humano, com vida própria, com família, com defeitos, com qualidades, e eu, não posso me ver como enciclopédia, como internet, como livro... Até hoje, construi grandes amizades em sala de aula, e acho que meus amigos são meus alunos... Às vezes eu acho que o maior aprendizado na sala de aula é a socialização. Porque ele só acorda pra teoria quando ele aceita o professor... O que é o conhecimento? É a aproximação das pessoas, ou é a erudição inalcançável?"

Neste sentido a professora traz a indisciplina como mais um aspecto dessa interação professor-aluno-conhecimento, seja falando, como uma forma de reivindicar, seja calando, em não querer se envolver, o que também pode sinalizar uma reivindicação. Portanto, a professora objetiva a indisciplina na figura do aluno que conversa enquanto ela explica, e na figura do aluno que não entrega os trabalhos e ainda, na figura do professor que se distancia do seu aluno.

"Se for no momento que eu tiver explicando, é uma rebeldia do aluno para não se enquadrar àquilo que a sociedade pede que ele faça, àquilo que a mãe, o pai, o avô, a escola, o coordenador, o professor..."

"Há também a indisciplina com relação à falta de compromisso do aluno, de entregar uma atividade, pra mim também é uma indisciplina. Eu não acredito que é só com a fala não..."

"Posso ter uma gama de conhecimento e acesso zero, ninguém pode chegar até a mim, uma distância de general"

A perspectiva de indisciplina da professora se ancora num referencial sócio-construtivista de aprendizagem.

"Eu sempre tentava entender como é que eu vou colocar toda a teoria, transpor essa teoria para a prática. Então eu desafiei, eu queria entender de fato o que seria o método do sócio-interacionismo, sem cair na armadilha de ser uma professora libertina... Então, até o momento de hoje, faz quase quatro anos que eu estou formada, eu me considero uma professora que utiliza essa teoria."

Ancorada numa perspectiva interacionista da indisciplina, a professora desenvolve em sua prática formas de lidar com a mesma. É importante destacar que essas práticas não foram observadas, todas as informações que serão explanadas abaixo são baseadas no discurso produzido na entrevista.

Por acreditar que a indisciplina é um diálogo, a professora enfrenta essa situação conversando com seus alunos.

"Eu escuto coordenador dizer: tire da sala de aula professora, não quer lhe respeitar, tire da sala de aula. Eu prefiro conversar com ele sozinho depois. – Rapaz, assim... assim... assim... o que é que está acontecendo?"

Como a causa da indisciplina é a falta de paciência do professor em entender o aluno, para ela quem deve sair da sala é o professor.

"Eu não gosto de tirar aluno de sala. Em todo esse meu repertório de professora, eu só sair uma vez de sala de aula. Estava super estressada, não queria partir para o extremo. Quebrei uma caneta de fúria que eu estava de conversa, e saí. Mas não saí pra punir, sair pra respirar. Eu não estava em condições física, nem psicológica de estar naquele lugar."

As representações sociais que compartilhamos têm a função de dar sentido à realidade social, organizar a comunicação e a conduta dos membros de um determinado grupo social. Portanto, a professora guia suas práticas pedagógicas pela concepção de indisciplina como um diálogo.

Com essa concepção, ela se distancia da representação social sobre indisciplina do grupo investigado em diversos aspectos. Primeiramente, quando vimos a estrutura da representação de indisciplina do grupo investigado através da associação livre, as palavras que se destacaram foram: desrespeito, desordem, falta de educação, entre outras, nenhuma delas foi sequer mencionada pela professora na sua associação livre, que evocou as palavras ausente, disperso, faltoso, isolado e incompreensivo. Nenhuma das palavras trazida pela professora foi representativa da opinião do grupo, ou seja, nenhuma delas sequer apareceu na tabela 10 das palavras evocadas pelo o grupo diante da palavra indutora indisciplina.

Em suas justificativas um pequeno grupo de professores (classe 1) abrange um pouco mais a questão da indisciplina, relacionando-a a outros aspectos mais sociais e relacionais. O

discurso da professora se aproxima mais dessa classe de respostas e se distancia da opinião mais consensual do grupo, que define a indisciplina pelo desrespeito e falta de educação.

Quando perguntada sobre esse assunto na entrevista, a professora desassocia o respeito da educação e não relaciona esses aspectos à indisciplina. Para ela a educação está mais ligada aos padrões de comportamento de uma cultura, enquanto o respeito está em conhecer o outro.

"Eu posso ser educada, mas não ser respeitosa... Então ele só pode me respeitar, a partir do momento que eu digo quem sou eu e eu sei quem é ele... E eu posso está com as palavras todas bem elaboradas e faltando com o respeito ao meu aluno, ou sendo ofensiva com eles... Eu acho que a relação desrespeitosa acontece, quando meu aluno não me entende, quando eu falo difícil, quando eu seleciono o vocabulário com pretensão de ofendê-lo, de que ele não alcance... Então o respeito eu acho que é conhecer o outro e saber: o outro não gosta disso."

A professora rompe com a principal idéia da representação social de indisciplina do grupo de professores investigados, que é ver a indisciplina como uma característica pessoal do aluno, fruto da falta de educação e objetivada no desrespeito. Pelo contrário, ela visualiza a indisciplina como um sinal de uma dificuldade relacional.

Essa professora é uma professora ideal na opinião de vários alunos investigados.

Como será então o discurso do aluno indicado por essa professora para conceder a entrevista? Esse é o próximo ponto do trabalho.

Sujeito 2 – Indisciplina é fruto da má educação e da animação na sala de aula.

O aluno de escola pública, do 1º ano do ensino médio e com 17 anos, compartilha de uma forma mais consensual com a representação do grupo de alunos entrevistados. Ele compreende a indisciplina como fruto de um má educação, podendo ser influenciada também pelas amizades e pela empolgação em sala de aula.

"O aluno que é mal educado em casa é mal educado no colégio, ele não vai ser bem educado não.

Se eu me juntar com uma turma de ladrão... eu vou ser o quê? Eu vou ser ladrão, só vou aprender a roubar. Fazer coisas ruins, me tornar um criminoso. Entendeu? A amizade influencia muito. A pessoa subir, a pessoa evoluir a pessoa tem que arranjar amizades boas...

É mais a animação né? O pessoal animado e tal, ai começa a brincar um com o outro, é a brincadeira, infantilidade né! PÔ! é aquela coisa eu quero brincar na brincadeira."

Para o aluno entrevistado, devido a uma má educação doméstica, o aluno se comporta de forma inadequada no colégio. Ao mesmo tempo em que a indisciplina se dá pela falta de educação, o aluno destaca o papel dos amigos. Para ele, o ditado "diga-me com quem andas, que eu te direi quem és" parece ser bem oportuno. Além de surgir pela influência da família e dos amigos, a indisciplina também pode ser uma forma de se envolver no grupo através de brincadeiras – *"eu quero brincar na brincadeira"*. Esse último ponto, destaca um lado funcional da indisciplina, ou seja, um meio de interagir com o grupo.

Outro aspecto que aproxima as idéias desse aluno com as teorias do grupo é o papel do respeito. Na representação social do grupo a indisciplina é concebida, de modo consensual, como desrespeito. O aluno também evidencia esse ponto na sua entrevista.

"... quando o professor pede respeito o aluno tem que dá."

Como já mencionado anteriormente, as nossas representações guiam nossas práticas. Segundo o sujeito, uma prática adequada para o aluno que não dá esse respeito pedido pelo professor é tirar o aluno de sala de aula.

"O aluno que não dá respeito, o professor tem que colocar para fora, se colocar pra fora o aluno vai ver que o professor quer ensinar, não quer brincar não."

Além dos alunos que faltam com respeito para com o professor, têm também os alunos que, na opinião dele, só querem brincar. Esses alunos também devem ser "punidos" com a expulsão da sala de aula.

" Professor que deixa um aluno desse na sala de aula, ele está deixando que sua aula vire uma eterna zona. Uma zona. Agora o professor que pune. Assim oh: oia vai dá uma voltinha no corredor do colégio, vai beber uma água."

À primeira vista, a representação do aluno parece se fundamentar na concepção de que a indisciplina é a demonstração de comportamentos inadequados, gerado pela má educação e influências de amigos, e pode ser visualizada pelo desrespeito e pelas brincadeiras em sala de aula.

Contudo, o aluno também destaca alguns aspectos relacionais da indisciplina como o papel do professor, por exemplo. Na tentativa de compreender melhor as teorias de senso comum que o aluno compartilha com o grupo entrevistado, outros pontos da entrevista precisam ser destacados.

Para ele, o professor tem uma responsabilidade sobre o comportamento da turma. E dependendo da forma como o professor se comporta em sala de aula *"o aluno vai ver que o professor quer ensinar."*

"A professora X [refere-se à professora que foi entrevistada] interage com a turma toda. Fica mais animado, a pessoa tem vontade de aprender, já o de _____ não. Ele vai no quadro escreve o assunto e pá, pá. Pega quem quer, e às vezes as pessoas que querem pegar ele não ensina outra vez não. Pega quem está atento mesmo, bem ligado. O professor assim também, assim não dá."

O professor que interage mais com a turma desperta nos alunos o envolvimento e o interesse com a matéria. Por outro lado, o professor que, aparentemente, não está preocupado com a aprendizagem do aluno desmotiva a turma. Segundo o aluno não é, por exemplo, o fato do professor chegar atrasado ou faltar, porque ele pode justificar, o ponto que o aluno destaca é o compromisso com o ensino-aprendizagem.

"Mas em relação a bagunça, com relação ao professor chegar atrasado, não! a turma bagunça na hora da aula que o professor chega atrasado, quando o professor não quer nada com a vida. O professor de _____ nunca chegou atrasado não, mas ele não quer ensinar nada."

Desta forma o aluno aponta como causa da bagunça a falta de compromisso do professor. Com relação à visão de aluno, de professor e de como deve ser a relação entre eles, as idéias do aluno se aproximam enormemente da visão trazida pela professora que o escolheu. Para ele, um aluno ideal é participativo, tal qual a professora destacou. Mas não é só

participativo, o aluno evidencia a importância do envolvimento com seu colegas de sala. Um aluno ideal não fica isolado em si mesmo, mas se envolve com os amigos e aprende nessas interações, ele faz parte da turma.

"... respeita o professor, interage com o professor quando ele pede, se comunica com a turma toda. Porque não adianta o cara chegar e tal, estou aprendendo aquele assunto, mas tenho dificuldade nesse aqui, ele não conversa com o professor, não conversa com o amigo do lado, não vai evoluir."

Em suas palavras, o aluno destaca o papel que a interação possui no processo de ensino-aprendizagem, compreende que o professor deve ser um amigo, assim como os outros alunos destacaram. Consensualmente, os alunos enfatizam que o professor ideal é amigo dos alunos, fato este que as duas professoras entrevistadas, que foram consideradas professoras ideais pelos seus alunos, também concordam. A relação de amizade entre professor e aluno foi um aspecto muito destacado.

"... seja amigo, mas não tão amigo assim de ser intimo não. Ser uma pessoa assim, que saiba interagir com a turma... tem que ter amizade"

Tentando costurar a diversidade de informações trazidas por esse sujeito, tendo a representação de indisciplina como linha, gostaria de destacar que o aluno enfatiza a importância da interação entre professor e aluno e sustenta a idéia de que deve haver uma relação de amizade entre ambos, destacando o papel de cada um nessa relação, na qual *"Professor é o que vai ensinar e os alunos vão aprender, e o aluno aprende o que o mestre está ensinando"*.

Todavia, ao explicar suas idéias sobre indisciplina, o aluno enfatiza a falta de educação e as influências de amigos como sendo suas principais causas, podendo em alguns casos ser proveniente da falta de compromisso do professor com os processos de ensino-aprendizagem.

O aluno objetiva suas idéias na bagunça e no desrespeito com o professor e acredita que as práticas adequadas para lidar com a indisciplina é tirar o aluno de sala de aula. Essas idéias de bagunça, desrespeito e falta de educação fundamentam a representação social de indisciplina dos alunos. Esses conceitos aparecem no centro da estrutura da representação e parecem estar ancorados na visão de uma certa ordem que deve guiar a conduta das pessoas, numa concepção de que existem regras que precisam ser cumpridas. Essa visão parece gerar

práticas punitivas de combate à indisciplina, seguindo as idéias foulcaltianas (discutidas em outro momento do trabalho)de disciplina como forma de controle social.

Sujeito 3 – Indisciplina é a falta de consciência do seu papel no processo educacional.

A professora de História da escola particular se posiciona mais próxima da representação social do grupo investigado. Para ela a indisciplina vem de uma não consciência do papel que o aluno e o professor possuem no processo pedagógico. O fato do aluno não ter objetivos e ainda, a irresponsabilidade do professor com a formação do aluno são apontados pela professora como os principais fatores geradores de indisciplina.

"Da parte do aluno é a falta de objetivo, que vai gerar a falta de interesse, que vai gerar os problemas de sala e da parte do professor, é o não cumprimento de suas responsabilidades e uma relação construída na base do autoritarismo e não na base da amizade e da competência."

Segundo o discurso da professora, a indisciplina parece ser vista como um comportamento do aluno, que pode ser gerada pela sua falta de metas ou por uma postura irresponsável e autoritária do professor. Neste primeiro momento, a professora compreende a indisciplina por dois caminhos. O primeiro diz de uma característica mais individual do aluno, fruto de sua falta de interesse. O segundo ponto levantado compreende a indisciplina como uma resposta ao comportamento do professor, que prioriza o autoritarismo e não constrói uma relação de amizade com seus alunos.

A professora destaca que cada ponto desse sozinho é capaz de gerar indisciplina, ou seja, o desinteresse do aluno por si só já é capaz de produzir indisciplina, assim como a irresponsabilidade do professor.

"... se não for um aluno consciente da responsabilidade dele, não há recurso didático que resolva. Agora, se o professor não cumpre a parte dele, até aquele aluno que tem responsabilidade vai se tornar um indisciplinado. Porque se um cara entra na sala e não dá aula, fica enrolando, o cara que tem objetivos vai dizer: esse cara não ta dando aula, ta enrolando, então vou conversar aqui e estudo em casa"

Outras causas que, na opinião da professora, geram indisciplina são uma educação sem regras e limites e a idade. Esses pontos podem desencadear comportamentos indisciplinados, principalmente, a má educação doméstica que pode gerar casos irrecuperáveis.

"Eles estão na fase que não são nem crianças nem adultos, ainda são adolescente, e na cultura, adolescente questiona, não se submete as regras... Mas principalmente quando não tem uma base. Um adolescente que não respeita os pais em casa, que não tem regras, não tem disciplina em casa, na escola ele repete o mesmo comportamento. A não ser que o professor consiga muito conquistá-lo, mesmo assim. Há casos que não há nenhuma possibilidade."

O grupo investigado destacou de forma consensual a importância da educação familiar. A professora ressalta ainda, que a sociedade atual passa por uma crise familiar, na qual se perdeu o valor das regras. E se em casa ele não recebe essa educação, o professor não consegue fazer da forma como havia planejado e a escola fica de mãos atadas e não consegue reverter a situação.

"um aluno que não conhece regras, porque em casa ele nunca teve, aí o seu planejamento já foi por água abaixo... acho que isso é mais resultado de uma crise familiar que a sociedade da gente vive, que levanta questões fora da escola como criminalidade, que é uma crise na família mesmo. Eu acho que a escola contribui, mas mudar o quadro, não muda não. Nem sei se é possível mudar esse quadro."

A professora evidencia a importância das regras, não apenas na relação professor-aluno, mas em qualquer relação. E destaca que a disciplina na escola deve se pautar pela construção de regras acordadas e por uma relação de amizade.

"... você cria uma disciplina em torno de um estabelecimento de regras e de uma amizade..."

Ela deixa bem claro a importância que as regras possuem nas relações sociais, e afirma que os alunos precisam saber o que ela exige, assim como o que podem exigir dela. Na sua

concepção um professor que impõe regras e é responsável com seu trabalho é valorizado pelos alunos.

"... o professor que quer ter isso (disciplina) tem que ter regras e ele deve ser o primeiro a respeitá-las... Se eu não cumprir a minha parte eles vão se sentir livres para não cumprir a parte deles."

"Nada existe sem regras, nada funciona sem regras, porque as pessoas precisam saber o que é exigido dela. Se ela não sabe o que é exigido dela, ela vai ter determinado tipo de comportamento que eu vou achar uma indisciplina e ele não, ele pode me adorar e não querer me chatear, mas se ele não sabe que eu não quero aquilo, ele vai fazer. Então, sempre tem que deixar muito bem definido o que pra mim ele tem que fazer e o que não tem que fazer. E por outro lado eu deixo claro pra ele o que ele deve exigir de mim, e aí a gente vai tentando cumprir de um lado e do outro."

Além de compartilhar da opinião grupal em determinados pontos, a professora parece conhecer os alunos e afirma que os alunos valorizam os professores que são responsáveis e estabelecem regras.

"Porque você pode vê com os alunos, quais os professores que eles consideram bons. Eles consideram os que cumprem as tarefas e que seja amigo, mas o professor responsável. Eles podem gostar muito de um professor que é muito engraçado, que é muito tudo, mas se esse professor não cumpri com suas responsabilidades em sala ele fala, ele reclama. Então normalmente os professores que são mais popularizados são aqueles que impõem regras, que trabalham, que respeitam as regras também, que produzem, e eles percebem isso."

Como pudemos ver anteriormente nesta pesquisa, os aspectos que a professora citou são compartilhados pelos alunos investigados.

Além da relação pautada na regra, a professora destaca a importância da amizade como uma ferramenta no estabelecimento da disciplina.

"Pelo menos em relação à disciplina, eu tenho conseguido muita coisa em cima dessa relação de amizade... Eu acho que 80% da disciplina que eu consigo, é pela relação de amizade."

Segundo a professora uma relação de amizade é capaz de levar o aluno a um comportamento disciplinado por consideração a pessoa dela e não necessariamente, pelo papel dela de professora, dizendo de outro modo, características pessoais do professor conquistam o respeito do aluno.

"Às vezes não é nem pelo interesse que ele tem na aula, mas como ele construiu uma relação de amizade comigo, ele não quer me chatear. Eu tenho um exemplo... Hoje eu reclamei com dois alunos, no final vieram me pedir desculpas... Ele pede desculpa a mim, porque ele acha que me atrapalhou. Não é porque ele perdeu, ele se prejudicou. É porque ele me atrapalhou."

Assim como o grupo investigado, a professora compreende disciplina como obediência às regras, essa disciplina se dá pela clareza das regras e por uma relação de amizade. Já a indisciplina seria o descumprimento das regras, fruto de um desinteresse pessoal do aluno, da sua idade, de uma educação sem limites e ainda, uma resposta a uma postura irresponsável e autoritária do professor. Nessa perspectiva, a professora espera que o aluno seja interessado, o que é o resultado de uma conscientização.

"... Se espera interesse, mas ele só vai ter esse interesse se ele tiver consciência do que é a escola pra ele, do que é a aula dele, do que é esse processo todo de formação que ele passa. Deve haver o processo de conscientização por parte da família e da escola também. Qual é a função da escola e que importância tem na vida dele, que aí vai gerar o interesse, que é o que se espera."

E que o professor seja responsável com seu trabalho, devido a uma consciência do seu papel na formação do aluno.

"Quando é consciente do papel dele na formação do outro e também quando ele dá importância ao que ele é... ele só pode ser responsável se ele tiver consciência do papel dele, aí ele desenvolve as outras características, ele é um professor assíduo, ele é um professor pontual, ele é um professor que se preocupa com o conteúdo."

Retomando a concepção de indisciplina da professora que é vista como um comportamento indesejado de descumprimento de regras, as conseqüências da mesma são a queda no rendimento escolar e dificuldade de conseguir sucesso pessoal e profissional.

"A primeira, que é a mais prática é a queda do rendimento. Do que é indisciplinado e do que é disciplinado. O indisciplinado tanto vai abaixo, como leva os outros, porque a qualidade de uma aula que você dá numa turma que tem um grande número de indisciplinado, não é a mesma que você dá numa turma que tem o pessoal mais atencioso... a longo prazo, ele vai sentir o prejuízo alguns anos depois, quando ele tiver tendo que correr atrás de uma faculdade depois de anos que ele se formou, ou quando ele tiver numa função que traga uma remuneração baixa, porque pedem o nível de escolaridade e ele não tem."

A indisciplina além de trazer conseqüências desastrosas para o aluno que é tido como indisciplinado, vai prejudicar de uma forma generalizada a turma. Possíveis conseqüências positivas não foram consideradas pela professora.

A professora demonstra duas formas de entender a indisciplina. Em alguns pontos a professora destacou que a não responsabilidade e uma relação sem amizade por parte do professor podem gerar comportamentos indisciplinados. Contudo, essa visão parece não ser a priorizada no contexto geral da entrevista. Prioritariamente, ela não evidencia a indisciplina como uma ação compartilhada, ou seja, uma inter-ação, a representação que se configura vai ao encontro da representação social do grupo. A indisciplina é a demonstração de comportamentos indesejados, em sua maioria, motivados por características pessoais (desinteresse, idade, má educação), relacionados a alunos. Desta forma, a professora objetiva a indisciplina em comportamentos como: *"não são atenciosos, conversam, não participam das atividades."*.

Essa representação parece estar ancorada numa idéia de certo controle social, no qual a disciplina tem um papel importante para o desenvolvimento social, ou seja, a sociedade precisa ter regras, e essas regras precisam ser obedecidas para que se tenha ordem e progresso. Essa concepção é refletida na escola e, pelo controle que a disciplina proporciona, é possível manter a sala em ordem e ter um melhor aproveitamento escolar, no qual os alunos se comportam de forma mais adequada.

A partir dessa representação a professora guia suas práticas. Por perceber a importância e a força que tem uma relação de amizade, essa é sua primeira ferramenta, caso não funcione, ela busca o controle por meios que ela considera mais autoritários.

"Primeiro eu tento pedir pela troca de gentileza, pela amizade, "vamos colaborar". Depois quando a paciência vai diminuindo você tenta falar mais alto, numa postura mais autoritária. No terceiro momento, infelizmente, você passa a ameaçar o aluno, e normalmente as ameaças são com relação à nota, porque assim como qualquer pessoa se sente atingida pelo bolso, os alunos são pelas notas. Então é o momento em que você não pode dispensar esse instrumento não. É antipedagógico, mas é a realidade."

A professora evidencia que a relação pautada na amizade é a principal ferramenta da sua prática docente, é a partir da amizade e do contrato didático pautado em regras que ela tem obtido disciplina em suas aulas. Mesmo assim essa ferramenta se mostra ineficaz em alguns casos, quando se chega a esse extremo ela toma medidas mais drásticas.

O aluno escolhido pela professora é nosso próximo sujeito.

Sujeito 4 – Indisciplina é não ser comportado

O aluno de escola particular compartilha de um ponto de vista que se aproxima, enormemente, da representação social dos alunos investigados. Suas respostas também possuem diversos pontos de contato, e parecem se confundir em determinados momentos, com as idéias da sua professora. Para ele a indisciplina é não se comportar adequadamente e ela é causada pela falta de domínio do professor em sala de aula e pela educação de casa.

"... não ser comportado é indisciplina. Falar na hora que o professor está falando é indisciplina... muitas vezes é a falta de domínio do professor também gera indisciplina e também a educação em casa gera muita... a família educa logo a pessoa nasce... a pessoa sempre vai ter respeito pelo professor essas coisas. Agora quando não há em casa... aí, por exemplo, na hora da aula ai não é um cara que fica prestando atenção na aula, que respeite o professor qualquer coisa fica dando bale no professor, essas coisas... feito aquele negócio de 'não sei o que de casa vai à praça'..."

Não se comportar adequadamente tem dois motivos para o aluno, pode ser o resultado de um professor que não tenha o controle da turma ou de uma má educação doméstica. Da mesma forma que a professora da escola privada, o aluno parece ir por dois caminhos.

Primeiro, a indisciplina é um comportamento discente motivado por uma falta de domínio do professor. Por não agir incisivamente, o professor deixa a aula virar uma bagunça. E segundo, a indisciplina é um comportamento discente fruto de uma educação inadequada por parte da família.

"... tem professor que não tem domínio de sala, deixa, vai deixando, vai deixando, vai dando muita folga ai quando vê... não tem mais aula está todo mundo conversando... se não tiver domínio de sala não vai adiantar o professor explicar só para quem quer, porque de qualquer jeito está atrapalhando. A pessoa não absorve nada."

Além das duas causas apontadas acima, o aluno ainda coloca a idade como mais um aspecto a ser considerado.

"... a pessoa pequena ainda tem jeito, de cara ir lá e mandar parar e a pessoa pára, e também, a pessoa pequena é mais dependente e aí ela sempre vai ouvir o pai. Agora quando o cara chega à idade, por exemplo, quinze, dezesseis anos ele já acha que é, por exemplo, o dono do mundo, faz o que quer não escuta os pais, professores

Como a professora, a idéia que o aluno transmite é de que quando essa indisciplina chega à adolescência se torna, em alguns casos, uma situação irreversível.

A disciplina é então, a conduta adequada, conquistada com uma boa educação e através da construção de objetivos e é demonstrada pela obediência às regras.

"... tem que ter limite, limite... tem que ser dado uma boa educação. Tem que ter objetivo para ter uma boa disciplina... É porque em todo canto tem regras e a pessoa tem que seguir a regra, se a pessoa, por exemplo, quebrar vai ser considerado um ato de indisciplina. Tem que cumprir."

O fato de ser bem educado é destacado pelo aluno diversas vezes ao longo da entrevista, como o principal aspecto da disciplina.

"... acho que para ter uma boa disciplina, a pessoa tem que ter educação. Acho isso, porque a pessoa com educação ela não vai fazer nada ao contrário dessas coisas, por exemplo, na hora da aula ele vai ter educação, se, por exemplo, o professor estiver dando aula, ela não

vai ficar conversando. Por que? Porque teve educação! Ela obedece ao professor, as coisas que o professor manda, essas coisas. Por que teve educação ... respeito tudo tem haver com a educação... Por falta de educação a pessoa faz todo o resto, a pessoa vai ser desobediente, fala palavrão, vai fazer desordem, rebelde....”

O aluno também destaca a importância de uma relação de amizade entre professor e aluno, mas não associa diretamente essa relação com a indisciplina.

“... tem que ter amizade... discute com o professor ai fica ruim o clima, tem que ser amigo, porque assim é melhor mesmo.

Quando perguntado sobre o que se espera de um aluno e de um professor, o sujeito respondeu de forma muito semelhante ao que o grupo produziu no questionário de associação livre. Esse sujeito parece compartilhar de forma consensual da representação social do grupo, não só de indisciplina, mas dos outros conceitos que se relacionam com este, como aluno, professor.

“... espera de aluno? que ele, por exemplo, preste atenção nas aulas, estude, se comporte, não responda ao professor... por exemplo, na hora que o professor está dando aula, a pessoa tem que ter respeito ao professor, não conversar.”

“... Do professor? Que ele seja legal, saiba passar o assunto para gente, que a pessoa entenda, fazer uma aula dinâmica... Conversar, ter amizade com os alunos, essas coisas... ser legal que ele consiga transmitir o assunto para gente., de modo que todo mundo entenda”

Retomando o objetivo do trabalho, a representação de indisciplina construída pelo aluno configura essa prática como um comportamento errado. As regras existem para serem cumpridas. A visão de uma ordem a ser seguida, explicada anteriormente, parece fundamentar também a representação do sujeito. Deste modo, as conseqüências da indisciplina só podem ser negativas.

“... é que no futuro a pessoa não vai ter... emprego... e a conseqüência é abandonar os estudos, não fazer um vestibular, uma coisa assim...”

São duas as principais conseqüências da indisciplina, dificuldades futuras em conseguir emprego e presentes com os estudos. A disciplina seria o meio para alcançar o progresso na vida pessoal.

"a importância da disciplina? É que o cara vai no futuro se tornar uma boa pessoa... talvez.... não, ele vai se tornar. Vai ser, vai ser quase noventa por cento um bom profissional... ele vai ser um bom profissional, se tiver emprego... é ele vai ser um bom profissional. Eu acho que sim."

A representação social de indisciplina que é captada pelo discurso do sujeito se aproxima da representação social do grupo de alunos investigados e também, da professora da escola particular. A indisciplina é entendida como comportamentos inadequados, causada principalmente pela má educação e pela falta de objetivos. Tendo como conseqüências o fracasso nos estudos e no futuro profissional.

O sujeito objetiva sua representação em comportamentos como bagunça, palavrões, conversa, entre outros. Essa representação se ancora num referencial positivo da disciplina, como uma forma de obter sucesso escolar e profissional. Dizendo de outro modo, as regras prescritas devem guiar nossa conduta, a fim de alcançarmos, como dito anteriormente, a ordem e o progresso. A indisciplina é vista pelo viés negativista, a qual é ruim e atrapalha o desenvolvimento da pessoa.

Na sala de aula, a indisciplina, objetivada nas conversas e bagunças, atrapalha a aprendizagem. Essa concepção guia as práticas do aluno em sala.

"... quando eu estou a fim de assistir a aula, aí eu fico irritado. Quando eu quero aprender eu fico irritado, eu peço para a turma calar a boca, mas quando eu não estou a fim de assistir a aula, o povo pode fazer... conversa, mas o professor bota logo moral lá e o povo começa a prestar a atenção, por exemplo, no fundamental quando tinha aquela feira lá, a gente, o povo todinho conversando, conversando e aí eu conversava também, não dava para escutar mesmo, não adianta não."

A forma de o aluno lidar com a indisciplina é pedindo o silêncio da turma, quando ele não está interessado na aula ou a bagunça é mais forte, ele cede à indisciplina e passa a conversar com seus colegas.

Com exceção da primeira professora entrevistada, os três sujeitos representam a indisciplina como desacato, comportamento inapropriado, falta de submissão e a percebem, geralmente, como um comportamento a ser extinto, como conseqüência, práticas punitivas de combate à mesma são privilegiadas.

É válido ressaltar que as professoras que foram citadas como professoras ideais destacam, assim como os alunos, a importância de uma relação de amizade entre professor e aluno. Os alunos, consensualmente, enfatizam que o professor ideal é também amigo.

A fim de costurar a enormidade de dados levantados no decorrer do trabalho, traçando paralelos e dialogando com alguns autores citados no trabalho, é que passamos para a conclusão desta dissertação, sabendo que não é o fim, mas apenas mais uma ponto levantado diante de assuntos tão complexos quanto a indisciplina escolar e as representações sociais.

5. CONCLUSÃO

Esse trabalho teve como objetivo compreender as representações sociais de alunos e professores do ensino médio sobre indisciplina. As representações sociais são "um modo particular de compreender e de se comunicar – um modo que cria tanto a realidade como o senso comum." (MOSCOVICI, 2003, p. 49). Deste modo, quando um grupo compartilha determinada representação, a partir dela ele interpreta a realidade, se comunica com os outros componentes do grupo e guia suas condutas. As representações possibilitam, de uma forma geral, tornar o estranho familiar.

Os alunos e professores convivem na sala de aula com uma gama de palavras, imagens, pensamentos, comportamentos, diante de tantos estímulos eles os definem e os categorizam, ou seja, "convencionalizam os objetos, pessoas ou acontecimentos". localizando-os em determinados modelos. Deste modo, vários comportamentos são agrupados na categoria indisciplina. A partir desse agrupamento de idéias, os sujeitos formam conceitos e teorias sobre o tema.

A teoria de indisciplina compartilhada pelos sujeitos possui pontos mais consensuais e outros menos, vamos inicialmente refletir sobre o campo comum da representação social do grupo investigado. A idéia predominante é de que a indisciplina é um comportamento inadequado ou descumprimento de regras por parte do aluno, o que atrapalha o andamento da aula e o bom aproveitamento e rendimento escolar. A maioria dos comportamentos considerados inadequados e que partem do aluno é localizado nessa categoria denominada indisciplina escolar. Mesmo quando o professor é implicado nesse processo, a idéia que prevalece é de que o professor que não cumpre com suas obrigações de explicar o conteúdo, que sustenta a relação em sala de aula pelo autoritarismo, entre outros aspectos, leva o aluno a se comportar de maneira indisciplinada.

De algum modo essa representação social compartilhada pelos sujeitos responde às perguntas levantadas na introdução do trabalho.

Por que os tão variados fenômenos descritos pelos professores e coordenadores eram, basicamente, todos classificados como ***indisciplina escolar****, enquanto os pontos levantados pelos alunos não recebiam geralmente a mesma denominação? A que se está chamando de indisciplina?*

Indisciplina escolar é, portanto, na representação do grupo, o conjunto de comportamentos discentes que atrapalham os momentos de ensino-aprendizagem.

Vale ressaltar que a representação social não é apenas o fruto da variedade de estímulos que nos cerca, ela também é o filtro que nos ajuda a interpretar e categorizar os objetos. É um processo de retroalimentação. Dizendo de outra forma, do mesmo modo que as pessoas constroem, junto com seus grupos, categorias interpretativas diante de variados objetos, os variados objetos e estímulos são percebidos a partir de teorias compartilhadas entre os sujeitos.[10]

> *Nenhuma mente está livre dos efeitos de condicionamentos anteriores que lhe são impostos por suas representações, linguagem ou cultura. Nós pensamos através de uma linguagem; nós organizamos nossos pensamentos de acordo com um sistema que está condicionado, tanto por nossas representações, como por nossa cultura. Nós vemos apenas o que as convenções subjacentes nos permitem ver e nós percebemos inconscientes dessas convenções.* (MOSCOVICI, 2003, p. 35)

Além desta característica normativa de convencionalizar e categorizar os objetos, as representações sociais também possuem um caráter prescritivo. Trazendo para o foco do trabalho, quando os alunos e professores representam a indisciplina como um comportamento inadequado do aluno, isso não se dá apenas pela maneira de pensar dos sujeitos, como se através da reflexão e testagem de hipóteses eles chegassem a essa conclusão. Quando somos socializados em determinada cultura, recebemos uma gama de representações e nos relacionamos com elas repensando-as e reapresentando-as.

> *... elas são impostas sobre nós, transmitidas e são o produto de uma seqüência completa de elaborações e mudanças que ocorrem no decurso do tempo e são o resultado de sucessivas gerações. Todos os sistemas de classificação, todas as imagens e descrições que circulam dentro de uma sociedade, mesmo as descrições científicas, implica um elo de prévios sistemas e imagens, uma estratificação na memória coletiva e uma reprodução na linguagem que, invariavelmente, reflete um conhecimento*

[10] Uma discussão sobre quem vem primeiro, se os objetos criaram as representações ou se as representações criaram os objetos, ou seja, quem veio primeiro o ovo ou a galinha, se tornaria aqui infrutífera.

> *anterior e que quebra as amarras da informação presente.* (MOSCOVICI, 2003, p. 37)

Portanto, as representações que os alunos e professores compartilham sobre indisciplina, além de serem uma forma de organização do pensamento, que organiza o pensamento, são também uma herança social construída ao longo dos anos e repassada aos sujeitos que assumem papéis de atores escolares. Quando a indisciplina é difundida e aceita como inadequação do aluno, ela passa a fazer parte dos próprios sujeitos que a compartilham, moldando as relações sociais e definindo os valores dos sujeitos (MOSCOVICI, 2003.). Configura-se então, uma realidade criada dotada de uma teia de significados que se relacionam entre si, ou seja, representações criando, organizando, repelindo e atraindo representações.

As representações sociais são denominadas teorias do senso comum e, assim como as teorias científicas possuem conceitos que se articulam entre si, buscando explicar o fenômeno. No caso da teoria dos sujeitos investigados sobre a indisciplina, reflete-se sobre a natureza, as conseqüências, entre outros aspectos da indisciplina, sobre os quais nos debruçaremos neste instante.

Para alunos e professores do ensino médio a principal causa da indisciplina é a má educação, ou seja, a natureza da indisciplina se encontra, primordialmente, na família. Pode-se dizer que esta é uma idéia central na representação do grupo investigado, a escola recebe alunos mal educados por suas famílias, os quais não sabem como se comportar adequadamente. Os sujeitos se distanciam da origem da questão e atribuem à família essa responsabilidade. Portanto, nessa perspectiva, a escola não gera indisciplina, mas sim recebe alunos indisciplinados, tendo que lidar com essa situação. As demonstrações de indisciplina são combatidas na escola, contudo, torna-se improdutivo esse combate, já que as causas continuam nas casas dos alunos.

A má educação se encontra no centro da representação de indisciplina como sua principal causa, entretanto, o grupo aponta outras causas, como por exemplo, a idade. A adolescência é entendida pelo grupo como uma fase conturbada e as representações de indisciplina e adolescente possuem alguns pontos de contato. Os sujeitos evidenciam a revolta e a irresponsabilidade, além de caracterizar o adolescente como desregrado (sem-limites) e rebelde. Se a principal causa da indisciplina apontada pelo grupo está na família, outro fator gerador de indisciplina é a própria natureza do adolescente. Por questões biossociais, o adolescente se comporta inadequadamente, ou seja, de maneira indisciplinada. Há uma

representação patologizante da adolescência, que faz recair, na maioria das vezes, sobre o aluno o título de indisciplinado, já que é natural da idade.

Essa representação de adolescente não é compartilhada apenas por esse grupo aqui investigado, Ozella (2003) realizou uma pesquisa com psicólogos que trabalham com adolescentes na área da educação e da saúde e encontrou respostas semelhante aos do sujeitos desta pesquisa. A adolescência é entendida como uma etapa natural e conturbada do ser humano. Dentro desta representação, a indisciplina seria mais um comportamento natural da adolescência.

Uma terceira causa da indisciplina apontada, especialmente nas entrevistas, é a falta de compromisso do professor. Contudo, a indisciplina é associada ao aluno. Explicando melhor, o professor que é irresponsável com suas obrigações de ministrar aulas, ensinar adequadamente aos seus alunos, gera um desinteresse no aluno em querer prestar atenção e participar da aula, se envolvendo em conversas e brincadeiras.

Portanto, as principais causas apontadas para a indisciplina levam o aluno a se comportar indisciplinadamente. Duas destas seriam do próprio aluno, a família e a idade e a terceira é uma resposta do aluno ao descompromisso do professor.

A compreensão mais consensual de indisciplina levantada pelo grupo evidencia apenas aspectos negativos, conseqüentemente, os resultados dos comportamentos indisciplinados são nocivos à vida do aluno. Um primeiro aspecto levantado é que a indisciplina está diretamente ligada à queda no rendimento escolar, os alunos que são indisciplinados, portanto, tendem a tirar notas mais baixas do que os alunos “comportados”. O outro ponto destacado é que, pela dificuldade nos estudo e pela inadequação ao ambiente, a pessoa tende a enfrentar dificuldades futuras, como conseguir um emprego, por exemplo. A concepção de indisciplina como algo negativo, reflete-se em conseqüências danosas.

Trata-se de uma teoria que relaciona diversos conceitos como família, aluno, professor, adolescência, entre outros, e compreende explicações causais e de relação entre os fatos. Para Moscovici (2003), toda e qualquer interação humana pressupõe representações, as quais não são criadas por sujeitos isolados, mas em interação. Quando se constituem, as representações sociais constituem uma realidade social. Mas, talvez, essa discussão tenha gerado uma questão: por que professores e alunos criam uma representação sobre indisciplina? Para o autor, a principal finalidade das representações sociais é tornar familiar algo não-familiar.

> *Os universos consensuais são locais onde todos querem sentir-se em casa, a salvo de qualquer risco, atrito ou conflito. Tudo o que é dito ou feito ali, apenas confirma as crenças e as interpretações adquiridas, corrobora, mais do contradiz, a tradição. Espera-se que sempre aconteçam, sempre de novo, as mesmas situações, gestos e idéias.* (MOSCOVICI, 2003, p. 55)

Além de familiarizar, as representações sociais são usadas como crivo para avaliar o incomum. Dois processos são nomeados por Moscovici como geradores da representação social.

Primeiramente, é necessário entender a ancoragem. Trata-se de integrar algo novo e estranho a um paradigma já compartilhado e aceito como correto, por exemplo, ao conhecer uma nova teoria, compara-a e denomina-a como uma teoria positivista ou dialética, portanto, seria categorizar e rotular com um nome conhecido. Outro modo de entender esse processo é lembrando a teoria piagetiana de processos de adaptação. Segundo Piaget, ao se deparar com um novo objeto, o sujeito pode assimilá-lo, enquadrando esse novo estímulo a esquemas mentais que ele já possuía, contudo, para Moscovici, esse processo se dá no âmbito coletivo. A partir dessa categorização é possível classificar os comportamentos e definir o que é e o que não é indisciplina, por exemplo. Então, qual será o paradigma escolhido pelos nossos sujeitos para ancorar a representação de indisciplina?

A relação que se estabelece com a indisciplina é de algo negativo e inapropriado, o que sugere uma visão positiva da disciplina. O paradigma que parece se configurar pela leitura dos dados é de uma necessidade da ordem, conquistada pela disciplina. A atmosfera que parece se formar é de que a sociedade se pauta em regras, necessárias a um bom aproveitamento, a indisciplina seria o rompimento da ordem e dos bons costumes. Preza-se, portanto, pela disciplina no ambiente escolar, como norte para saber se comportar adequadamente, a extinção da indisciplina, a qual é prejudicial, é o melhor caminho.

Foucault (1997) afirma que, a partir do séc. XVIII, métodos mais coercitivos como a escravidão, por exemplo, foram substituídos por técnicas disciplinares, que objetivavam ao mesmo tempo, "fabricar" corpos mais dóceis e mais úteis, através do controle minucioso do corpo. O autor acrescenta que essas técnicas disciplinares começavam a ser implementadas desde cedo na vida das pessoas, já na escola as crianças eram submetidas a diversos métodos de controle corporal.

Algumas das técnicas mencionadas por Foucault podem ser vistas claramente nas escolas de hoje. "A arte das distribuições", por exemplo, pode ser visualizada na organização

das bancas escolares, que, em alguns casos, são marcadas para que cada aluno tenha um lugar específico na sala de aula. Esse procedimento auxilia na vigilância, assim como impede contatos indesejados. Outro método disciplinar apontado pelo autor é defendido como uma prática adequada nas repostas dos sujeitos investigado. Trata-se da "sanção normalizadora", que é uma forma de punir comportamentos indesejados, na tentativa de zelar pela observância das regras existentes. Todavia, das práticas disciplinares explanadas por Foucault, a que hoje ainda parece ser mais presente na escola é o "exame", que além de poder ser usado para punir, tem a vantagem de classificar os sujeitos e separá-los entre bons e ruins.

> *O exame combina as técnicas da hierarquia que vigia e as da sanção que normaliza. É um controle normalizante, uma vigilância que permite qualificar, classificar e punir. Estabelece sobre os indivíduos uma visibilidade através da qual eles são diferenciados e sancionados. É por isso que, em todos os dispositivos de disciplina, o exame é altamente ritualizado. Nele vêm-se reunir a cerimônia do poder e a forma da experiência, a demonstração da força e o estabelecimento da verdade.* (FOUCAULT, 1987, p. 154)

É ancorada numa perspectiva de uma necessária disciplina, que objetiva um controle dos comportamentos em sala de aula e ainda, da indisciplina como um comportamento desregrado, que se configura a representação social do grupo. A partir dessa ancoragem é possível denominar e classificar comportamentos desconhecidos como indisciplina. O segundo processo estudado por Moscovici é a objetivação, que é materializar uma idéia, como diz o autor, "transformar a palavra que substitui a coisa, na coisa que substitui a palavra". Trata-se de transformar um conceito em imagem e poder visualizar o que não tinha forma. Une-se a palavra a um correspondente icônico, que não é necessariamente uma imagem única. Moscovici lembra que essas imagens podem ser um "núcleo figurativo, um complexo de imagens que reproduzem visivelmente um complexo de idéias" (MOSCOVICI, 2003, p. 72).

Dito isto, os sujeitos entrevistados objetivam a indisciplina na bagunça, conversas, palavrões, brincadeiras e, especialmente, no desrespeito para com o professor. A partir dessas objetivações a idéia de indisciplina se torna visível, até mesmo para nós que lemos esse trabalho. Você pode tentar imaginar uma sala de aula com alunos conversando, desatentos ao professor e envolvidos em brincadeiras, assim se objetiva a indisciplina para o grupo investigado.

Porém, a imagem mais consensualmente usada para ilustrar a indisciplina é a falta de respeito. Talvez pela existência de uma relação desrespeitosa em sala de aula, alunos e professores elegeram, primordialmente, o desrespeito como a principal forma de indisciplina. Esse desrespeito parte do aluno para com o professor.

Em suma, o campo comum da representação social do grupo investigado sobre indisciplina, retrata-a como um comportamento desnecessário, uma falta de submissão, causada principalmente por uma má educação. A indisciplina é olhada pelo lado negativo, entendida como uma não observância às regras, podendo ser visualizada através da bagunça, conversa, desatenção e, especialmente, pela falta de respeito. Nesse âmbito se valoriza a disciplina, e, por conseguinte, práticas coercitivas, como as citadas por Foucault, são privilegiadas, como a expulsão da sala, por exemplo.

Até esse momento da conclusão, nos debruçamos sobre o campo comum da representação social do grupo. Todavia as idéias de Doise (2002) apontam para outras possibilidades de análise. Para o autor, uma pesquisa em representação social deve se guiar por três hipóteses. Até esse ponto da conclusão a primeira hipótese foi verificada.

> *Uma primeira hipótese é que os diferentes membros de uma população estudada partilham efetivamente certas crenças comuns concernentes a uma dada relação social... Uma segundo hipótese refere-se à natureza das tomadas de posições individuais em relação a um campo de (RS)... Uma terceira hipótese considera a ancoragem das tomadas de posição em outras realidades simbólicas coletivas, como as hierarquias de valores, as percepções que os indivíduos constroem das relações entre grupos e categorias e as experiências sociais que eles partilham com o outro.* (DOISE, 2002)

Para Doise, um estudo em representações sociais não deve se limitar ao campo comum da representação, mas refletir também sobre as diferenças individuais. Neste trabalho, dois pontos ressaltam mais essa segunda hipótese. O primeiro diz respeito a uma pequena diferença na representação de professores e alunos sobre indisciplina. Enquanto que os professores privilegiam, quase que exclusivamente, a falta de respeito como a principal demonstração de indisciplina, os alunos destacam esse aspecto, mas enfatizam a desobediência às regras. Mais ilustrativo que esse exemplo, temos o caso da professora entrevistada, que se posiciona muitas vezes contrária à representação do grupo.

A sua concepção de indisciplina como um diálogo, sendo esta mais uma possibilidade da relação professor-aluno, rompe com a visão de inadequação compartilhada pelo grupo. Enquanto os sujeitos de um modo geral relacionam a indisciplina à desobediência, desacato e desrespeito do aluno, a professora a compreende como um sintoma de que a relação entre ela e os alunos não vai bem. Para ela a indisciplina não é causada pela má educação doméstica e sim pela falta de paciência em entender o outro. A professora parece ter uma representação diferente da compartilhada pelo grupo entrevistado.

A terceira hipótese de Doise remete a uma investigação da ancoragem das tomadas de posições. Dando continuidade ao caso da professora acima citada, ela mesma relata compartilhar de um paradigma sócio-construtivista. A professora ancora sua representação sobre indisciplina em outro cais. Enquanto o grupo, tanto de alunos quanto de professores, parece compartilhar um paradigma mais comportamentista, no qual a indisciplina é um comportamento inadequado, uma resposta errada, que precisa ser extinta através da punição, a professora, por outro lado acredita que a indisciplina é fruto de uma inter-ação social.

Acreditando que o objetivo do trabalho foi alcançado, e se pôde compreender a representação social de professores e alunos do ensino médio sobre indisciplina escolar. Gostaria de finalizar compartilhando com o leitor novos questionamentos que surgiram em mim ao longo da elaboração deste trabalho.

Um sujeito pode romper completamente com uma representação social compartilhada por um grupo ao qual ele pertence?

Quais os efeitos para a prática pedagógica de diferentes representações sobre indisciplina?

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRIC, Jean-Claude. **La recherche du noyau central et de la zone muette des représentations sociales.** Em: J-C. Abric (org.) Méthodes d´études des représentations sociales. Érès: Ramonville Saint-Agne. Traduzido por Maria de Fátima de Souza Santos para uso de pesquisa. 2003

AQUINO, J. G. **A Indisciplina na Escola: alternativas teóricas e práticas.** São Paulo: Summus. 1998.

BARROS, M.M.L. **Velhice ou terceira idade - estudos antropológicos sobre identidade, memória e política**. Rio de Janeiro: FGV. 2003.

CALLIGARES, C. **A adolescência**. São Paulo: Publicafolha (Folha explicativa). 2000.

CARDOSO, M.R. **Adolescentes**. São Paulo: Editora Escuta. 2006.

CASTRO, L.R. & CORREIA, J. **Juventude contemporânea: perspectivas nacionais e internacionais**. Rio de Janeiro: NAU Editora: FAPERJ. 2005.

COLL, C.; PALÁCIOS, J. & MARCHE, A. **Desenvolvimento Psicológico e Educação: Psicologia Evolutiva**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1995.

DOISE, Willem. Da psicologia social à psicologia societal. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 18, n. 1, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.

ESTRELA, M. T. **Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula**. Portugal: Porto Editora. 1992.

FOUCAUT, M. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis: Editora Vozes. 16ª ed. 1997.

LA TAILLE, Y. **Limites: três dimensões educacionais**. São Paulo. Editora Ática. 2000.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais: Investigações em Psicologia Social.** Tradução: Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes. 2003.

OZELLA, S. **Adolescências construídas: a visão da Psicologia sócio-histórica**. São Paulo: Cortez. 2003.

ROSSETTI-FERREIRA, M.C.; AMORIM, K.S.; SILVA, A.P.S. & CARVALHO, A.M.A. (orgs) **Rede de significações e o estudo do desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed. 2004.

SANTOS, M. F. S. & ALMEIDA, L. M. **Diálogos com a teoria das representações sociais**. Ed. Universitária da UFPE. 2005.

SPINK, M. J. A ética na pesquisa social: da perspectiva prescritiva à interanimação dialógica. **Revista Semestral da Faculdade de Psicologia da PUCRS**. v.31, n.1, jan./jul., p. 7-22. 2000.

SPINK, M. J. O conceito de representação social na abordagem psico social. **Cad. Saúde Pública**. vol.9 no.3 Rio de Janeiro July/Sept. 1993.

VELOZ, M. C. T.; NASCIMENTO-SCHULZE, C. M. & CAMARGO, B. V. Representações sociais do envelhecimento. *Psicol. Reflex. Crit.*, 1999, vol.12, no.2, p.479-501. ISSN 0102-7972

ZACHARIAS, V.L.C.F. **Convivência e disciplina na escola**. 2002.

ANEXO

ANEXO 1

Programa de Pós-Graduação em Psicologia-UFPE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Mestrado em Psicologia

IDENTIFICAÇÃO DO PARCIPANTE

Nome _____, idade ____, sexo _____
Bairro onde mora _____ Há quanto tempo estuda nesta escola _____.
(PARA ALUNO). Qual matéria ensina _____ (PARA PROFESSOR).

QUESTIONÁRIO

Escreva as palavras ou expressões que lhe vêem a mente ao ler cada um dos termos escritos abaixo. Dentre as palavras que você escreveu, escolha, marcando com um asterisco, a que melhor representa o termo em questão. Justifique sua escolha.

Aluno ideal:

_____ _____
_____ _____
_____ _____
_____ _____

Justificativa _____
_____
_____

Professor ideal:

_____ _____
_____ _____
_____ _____
_____ _____

Justificativa _____
_____
_____

Adolescente:

_____ _____
_____ _____
_____ _____
_____ _____

Justificativa _____
_____
_____

Disciplina:

_____ _____
_____ _____
_____ _____
_____ _____

Justificativa _____
_____
_____

Indisciplina:

_____ _____
_____ _____
_____ _____
_____ _____

Justificativa _____
_____
_____

ANEXO 2

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

1. O que se espera de um aluno?
2. O que se espera de um professor?
3. Que tipo de relação deve haver entre professor e aluno?
4. O que é indisciplina?
5. O que causa a indisciplina?
6. Quais as conseqüências da indisciplina?
7. Como você lida com a indisciplina em sala de aula?

ANEXO 3

Carta de Anuência

Prezado _____, d***iretor (a) do (a)***

_____

Eu, **Rosemberg Cavalcanti Belém**, aluno do Curso de Mestrado em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, estou realizando uma pesquisa que tem como tema: *"Representações sociais de indisciplina escolar no ensino médio"*. Por ser esta uma escola que se encaixa nos pré-requisitos da pesquisa, venho pedir sua autorização para a realização da coleta de dados em sua instituição. Vale ressaltar que a pesquisa tem como objetivo *compreender como diferentes sujeitos (alunos e professores) dentro da instituição escola, representam a indisciplina escolar*. Pois o termo indisciplina é apontado por diversos educadores como um dos principais problemas enfrentados hoje nas escolas.

É importante dizer que a permissão para a realização da pesquisa não lhe acarretará nenhum custo e não será fornecida nenhuma recompensa, seja ela financeira ou de outro cunho. Também é importante dizer que pretendo influenciar o mínimo possível no andamento das atividades da instituição.

Agradeço antecipadamente,

Recife, _____ de _____ de 200__.

_____ _____

Rosemberg Cavalcanti Belém (Pesquisador) **Prof. Dra. Mª de Fátima de S. Santos (orientadora)**
Telefones: 35425317 ou 88999897. **Telefone: 21228270**

☐ **AUTORIZAÇÃO CONCEDIDA**

☐ **AUTORIZAÇÃO NEGADA**

_____

Diretor (a)

ANEXO 4

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
PROFESSORES PARTICIPANTES DA PRIMEIRA FASE DA PESQUISA

Pesquisa: Representações sociais de indisciplina escolar no ensino médio.
Responsável: Rosemberg Cavalcanti Belém (e-mail: bergbelem@hotmail.com/ Tel.: 88999897)
Instituição: Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco

Apresentação:

Esta pesquisa tem como objetivo compreender como alunos e professores concebem a indisciplina escolar. Para tanto, aplicaremos um questionário anônimo e voluntário entre 60 professores de escolas públicas e particulares do Recife. A segunda parte da pesquisa se dará com concessão de entrevista, porém o sujeito pode ou não ser convidado a participar desse segundo momento, e estará livre para decidir participar. Essa segunda parte da pesquisa se dará com uma amostra reduzida de sujeitos. (10 sujeitos)

Riscos e Benefícios:

Como possíveis benefícios, a pesquisa poderá gerar conhecimentos importantes para a compreensão e orientação do fenômeno da indisciplina escolar, beneficiando alunos e profissionais, além disso, o professor participante será convidado pensar, mesmo que rapidamente, sobre o tema, o que pode gerar reflexões interessantes para a sua atividade profissional.

No entanto, tais reflexões poderão gerar alguma forma de desconforto para o entrevistado. Neste caso, o pesquisador se compromete a conversar com o professor, visando minimizar qualquer desconforto e em algum eventual caso, encaminhar para serviço especializado. Além disso, há a possibilidade de atrapalhar momentaneamente alguma aula devido ao engajamento do professor na resposta do questionário.

Compromissos:

O pesquisador se compromete a estar sempre disponível para esclarecer dúvidas, ou atender às solicitações dos participantes no que diz respeito aos procedimentos da pesquisa. Os nomes dos participantes jamais serão revelados em possíveis publicações ou apresentações do trabalho e serão sempre respeitados em seu desejo de suspender a colaboração a qualquer momento. A participação na pesquisa não implicará absolutamente nenhum custo financeiro para os participantes.

Consentimento:

Eu, _____, funcionário(a) da escola _____ fui devidamente apresentado(a) às informações acima e, após lê-las e compreendê-las, decidi que eu quero participar da pesquisa em questão respondendo o questionário.

Recife, ____ de _____ de 2007.

_____	_____
Professor(a) participante voluntário	Responsável pela pesquisa
_____	_____
Testemunha 1	Testemunha 2

AGRADECEMOS MUITO POR SUA COLABORAÇÃO!

ANEXO 5

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
RESPONSÁVEIS PELOS ALUNOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Pesquisa Representações sociais de indisciplina escolar no ensino médio.
Responsável: Rosemberg Cavalcanti Belém (e-mail: bergbelem@hotmail.com/ Tel.: 88999897)
Instituição: Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco

Apresentação e procedimentos:

Esta pesquisa tem como objetivo estudar as representações de indisciplina escolar entre professores e alunos de escolas públicas e particulares do Recife. Realizaremos os seguintes procedimentos:
Questionário em grupo: todos os alunos que consentirem, responderam ao questionário numa sala de aula.
Entrevista individual: os alunos que quiserem participar serão convidados a uma sala dentro da própria escola, no período normal de aula, na qual a entrevistador fará perguntas à respeito do tema da indisciplina (duração aproximada de 30 min.). Desta parte da pesquisa só participarão um número reduzido de sujeitos. (15 sujeitos)

Antes de todos estes procedimentos, o pesquisador se apresentará aos alunos e explicará de forma compreensível o que ele está fazendo na escola e como os alunos vão poder participar, além de perguntar se eles gostariam de colaborar.

Riscos e benefícios:

Como possíveis benefícios, a pesquisa poderá gerar conhecimentos importantes para a compreensão e orientação do fenômeno da indisciplina escolar, beneficiando alunos e profissionais, além disso, o professor participante será convidado pensar, mesmo que rapidamente, sobre o tema, o que pode gerar reflexões interessantes para a sua atividade profissional. No entanto, estas reflexões também poderão gerar alguma forma de desconforto para o aluno, ou conflito entre os colegas. Neste caso, a pesquisadora se compromete a conversar individualmente ou em grupo com os alunos, visando minimizar qualquer desconforto e em algum eventual caso, encaminhar para serviço especializado.Além disso, há a possibilidade de retirar o aluno de sala durante alguma aula.

Compromissos:

O pesquisador se compromete a estar sempre disponível para esclarecer dúvidas sobre os procedimentos da pesquisa.
Mesmo com a devida autorização do responsável, a criança só participará das entrevistas se ela quiser e ela ainda poderá desistir de sua participação a qualquer momento.
Os nomes das pessoas envolvidas na pesquisa jamais serão revelados em possíveis publicações ou apresentações do trabalho e as imagens filmadas poderão servir de ilustração para trabalhos de pesquisa e formação de professores, mas a identidade (imagem) será preservada.
A participação na pesquisa não implicará absolutamente nenhum custo, nem recompensa financeira para os participantes.

Consentimento:

Eu, _____, responsável pelo aluno (a) _____, fui devidamente apresentado(a) às informações acima e, após lê-las e compreendê-las, decidi que autorizo sua participação nesta pesquisa da seguinte maneira:
( ) entrevista individual. ( ) entrevista em grupo. ( ) filmagem em sala de aula.
( ) permitindo a utilização das imagens com a identidade preservada em apresentações do trabalho.

Recife, ____ de _____ de 2007.

_____ _____
Responsável pelo aluno participante Responsável pela pesquisa

_____ _____
Testemunha 1 Testemunha 2

AGRADECEMOS MUITO POR SUA COLABORAÇÃO

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo